ANNO XXX. N. 171.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

SEXTA FEIRA 28 DE JULHO DE 1854.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim M. Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.
Sobre Londres 26 5/8, 26 1/2 ao par.
» Paris, 365 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, a 2 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
« da companhia de Beberibe ao par.
« da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras a 6 e 8 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas.	29$000
Moedas de 6$400 velhas. . .	16$000
» de 6$400 novas. . .	16$000
» de 4$000.	9$000
Prata.—Patacões brasileiros	1$940
Pesos columnarios	1$940
» mexicanos.	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 6 horas e 54 minutos da manhãa.
Segunda ás 7 horas e 18 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1.ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2.ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Julho 3 Quarto crescente ás 4 horas, 1 minuto e 48 segundos da tarde.
» 10 Lua cheia ás 4 horas, 6 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 17 Quarto minguante a 1 hora, 44 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 25 Lua nova aos 47 minutos e 48 segundos do tarde.

DIAS DA SEMANA.
24 Segunda. S. Francisco Solano m.
25 Terça. S. Tiago ap.; S. Christovão m.
26 Quarta. Ss. Symphronio e Olympio mm.
27 Quinta. S. Pantaleão medico m., S. Sergio m.
28 Sexta. S. Innocencio p.; Ss. Narciso e Celço.
29 Sabbado. S. Martha v.; Ss. Beatriz e Flora mm.
30 Domingo. S. Anna mai da SS. virgem mai de Deos; S. Donatilla; S. Rufino m.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 25 de julho.

...cio.—Ao commandante das armas, dizendo que visto fazer-se necessaria a presença do capitão Lazaro de Carvalho para o ajuste de contas do batalhão a que elle pertence, pode S. S. man-...vir a esta capital.

...—Ao mesmo, communicando que, segundo ...ou do aviso da guerra de 19 de junho ultimo, se concedeu ao alferes do decimo batalhão de infantaria Joaquim Cavalcanti de Albuquerque Bello, licença para ir estudar na escola militar, devendo gozar em dezembro neste anno, e recommendando que ordene a esse official que, avista da nota que remetter por copia trate de pagar quanto antes a importancia dos emolumentos correspondentes a semelhante licença.—Officiou-se neste sentido a thesouraria de fazenda.

Dito.—Ao consul da Sardenha, remettendo os papeis da divida de que pedem pagamento Francisco ...no Bispo e José Luiz dos Santos, que conduziram para esta capital a bordo de suas barcaças diversos objectos pertencentes ao brigue sardo Carolina que naufragou na praia das Ilhetas, e rogando a S. S. ...-se de expender o que lhe occorrer acerca ...antes pretenções devolvendo os referidos papeis.

Dito.—Ao inspector da thesouraria de fazenda, transmittindo para os convenientes exames, copia da acta do conselho administrativo para fornecimento do ...enal de guerra, datada de 15 do corrente.

Dito.—Ao commandante da estação naval, para mandar pôr em liberdade o recruta de marinha João da Silva Coimbra.

Dito.—Ao mesmo, recommendando que mande receber no arsenal de marinha, e recolher a bordo do brigue Legalidade, cincoenta saccas de farinha, afim de serem entregues no presidio de Fernando onde deverá tocar o mesmo brigue.—Communicou-se ao inspector do referido arsenal.

Dito.—Ao presidente do conselho administrativo, dizendo que pode manhar entregar ao director do arsenal de guerra, afim de terem o conveniente destino, as peças de panno que tendo servido de amostras ao presente, existem depositadas n'aquella repartição.

Dito.—Ao inspector do arsenal de marinha, transmittindo por copia o aviso de 10 do corrente em que o mesmo Sr. ministro da marinha, a cujo conhecimento foi levado o termo com que Smc. contratou com João Carlos Augusto da Silva a compra de varios objectos necessarios ao pharol da barra desta cidade, declara que em comparação de que se tem praticado na corte, parece avultada a commissão de 25 por cento, exigida por esse contratador.

Dito.—Ao mesmo, dizendo ficar sciente de haver Smc. nomeado a Affonso Alves de Rego Villela, para substituir interinamente ao escrivão do brigue escuna Legalidade, o qual se acha doente.—Communicou-se ao commandante da estação naval.

Dito.—Ao capitão do porto, transmittindo por copia o aviso circular de 12 do corrente, no qual o Exm. Sr. ministro da marinha, não só determina que as relações dos recrutas de marinha, enviados para a corte, contenham os signaes caracteristicos de cada um dos ditos recrutas, mas tambem communica que se mandou recommendar aos commandantes dos paquetes de vapor da companhia brasileira, o maior cuidado na guarda dos recrutas que lhes forem entregues comsemelhante destino.

Dito.—Ao juiz do civel, remettendo o requerimento de Antonio Correia Cabral áfim de que, a vista do parecer que tambem remette por copia do conselheiro presidente da relação, proceda Smc. como entender de justiça e equidade na forma da lei.

Dito.—Ao juiz de direito do Rio Formoso, inteirando-o de haver concedido tres mezes de licença ao escrivão do civel e d'orphãos e tabellião do judicial e notas da villa de Barreiros, José Norberto Casado Lima.—Fizeram-se as outras communicações.

Dito.—Ao curador dos Africanos livres, communicando haver a africana de nome Joanna, existente no arsenal de guerra dado á luz uma criança de cor preta do sexo masculino.

Dito.—Ao inspector da thesouraria provincial, para mandar entregar mais ao thesoureiro pagador da repartição das obras publicas 1:200$ para a obra da casa de detenção, visto ter sido insufficiente a quantia pedida no corrente mez para a mesma obra.—Communicou-se ao director daquella repartição.

Dito.—Ao mesmo, inteirando-o de haver, em vista de sua informação, deferido favoravelmente o requerimento de João Francisco Antunes arrematante da illuminação de Olinda, devendo a despeza com a factura e collocação dos lampeões de que trata o supplicante, ser paga pela verba das eventuaes, conforme Smc. indica.—Communicou-se á camara municipal de Olinda.

Dito.—Ao director das obras publicas, inteirando-o de haver approvado o orçamento, que Smc. remetteu dos reparos precisos nos 2.º e 3.º lanços da estrada do Norte, e recommendando que empreite com alguem a execução dos mencionados reparos.—Communicou-se á thesouraria provincial.

Dito.—A' camara municipal de Caruaru', autorisando-a não só a mandar fazer os reparos de que necessita o quintal da casa daquella camara, mas tambem levantar a parede precisa para segurança do respectivo archivo, devendo guiar-se na execução desses reparos pelo orçamento que remette por copia.

EXTERIOR.

ESTADOS UNIDOS.

A questão do *Black Warrior* volta novamente a arena. Os jornaes americanos insistem na sua linguagem descomedida e guerreira, manifestando os mais violentos desejos de que a União se aproprie da ilha de Cuba.

Na camara dos representantes Mr. Clastam, deputado pela Georgia, fallou nos mesmos termos empregados pelos jornaes.

O *New-York Herald* diz que no dia 15 a questão de Cuba seria tratada no senado, ou precedendo uma mensagem do presidente, ou uma proposta de algum senador.

No Massachussetts o presidente Pierce e muitos dos seus principaes agentes foram queimados em estatua pelos abolicionistas, isto he, pelos que desejam a abolição da escravatura nos estados.

O *Courrier dos Estados Unidos*, de 12 de junho, noticia uma nova rixa provocada pelo *Know-Nothing*.

He uma seita cuja denominação he *nada sabem*; ha um individuo a que chamam o anjo Gabriel, que se occupa em pregar publicamente os principios da sua seita, quasi todas as vezes que este *anjo* apparece ha uma desordem. A organisação desta seita he secreta.

Diz pois o *Courrier*:

« O anjo Gabriel depois de ter pregado no Park embar cou em South-Ferry no meio de numerosa concorrencia de povo.

Logo que chegou a Brooklyn, proximo d'Atlantic-street, encontrou reunidos 7,000 habitantes desta cidade e 3,000 curiosos de Wiliamsburg, que vierem de proposito para observar a briga.

Porém os 400 officiaes estacionados nas visinhanças e os tres regimentos de milicia, em armas, impozeram respeito á multidão, que até á tarde esteve socegada.

Todavia, em quanto o anjo Gabriel, n'um carro se dirigia para South-Ferry, afim de voltar a New-York, alguns Irlandezes atiraram-lhe com pedras, e tentaram embargar-lhe a jornada.

Estes individuos foram logo presos e conduzidos com uma escolta forte á casa da camara de Brooklyn.

Porém antes de ahi chegarem, um bando de Irlandezes atacou a escolta e libertou os presos.

Immediatamente os agentes da policia armaram as suas pistolas e dispararam. Ficaram feridos alguns individuos; he provavel com tudo que os officiaes de policia hajam atirado para o ar, porque aliás teriam havido bastantes mortes, porque a multidão estava muito compacta.

O clero catholico, especialmente o bispo Loughin contribuiram poderosamente para evitar uma rixa mais sanguinolenta.

As noticias da Havana alcançam até 8 de junho. Havia tranquillidade na ilha. Corria o boato de que o vapor Guadalquivir tivera um combate com dous patachos, que aprezara proximo de S. Thiago de Cuba.

As tropas andavam em continuos exercicios, e os preparativos para resistir a qualquer invasão proseguiam com actividade.

O governador publicou uma circular desmentindo o boato da abolição da escravatura. Comtudo affirmava-se que iam ser permittidos os casamentos entre a raça branca e a de côr.

ILHAS SANDWICH.

A legislatura reunio-se em 5 de abril. A camara alta consta de 25 membros, comprehendendo o rei, a rainha e quatro ministros, tres dos quaes são estrangeiros. A segunda camara compõe-se de vinte e sete membros, dos quaes oito são estrangeiros.

Conforme o relatorio do ministro da fazenda entraram no porto, em 1850, 469 navios mercantes; em 1851, 546; em 1852, 235; em 1853, 194. O ministro propoz que fosse declarado porto franco o porto de Honolulu; e que fosse alargado o territorio da cidade, e protegida a navegação a vapor.

Existem em Sandwich 423 escolas publicas gratuitas, sendo os professores indigenas, o ensino he em lingua hawamana; 344 destas escolas são protestantes e 79 catholicas: 12,000 rapazes as frequentam, sendo o termo médio de 36 por cada escola. O costeio destes estabelecimentos custa $21:256 por anno.

Além destas, ha mais nove escolas particulares, a lingua ingleza cada vez se vulgarisa mais.

O numero dos delictos e crimes mais ou menos graves he, termo medio, de 3:173, sendo 1:059 procedidos da embriaguez, 860 da sensualidade e adulterio. Parece que nas ilhas de Sandwich se observa grande rigor em quanto aos costumes; estes melhoramentos são devidos aos missionarios protestantes ou catholicos.

A população indigena diminue com incrivel rapidez, no anno passado houveram 1:513 nascimentos e 8:026 obitos, havendo uma differença de 6,512 contra o augmento da população.

Decorridos alguns annos mais a camara indigena será apenas uma recordação. As bexigas, as bebidas espirituosas, os vicios que acarreta a invasão da raça branca, e que os naturaes não sabem combater; a preguiça, o uso immoderado das fructas que o solo produz espontaneamente, tudo contribue para abreviar a extincção da raça indigena. O principe Liholiho de balde se esforça, por meio de previdentes medidas, para afastar uma crise que todos os dias mais se aproxima. Os indigenas são absorvidos pelo elemento estrangeiro, que conserva mao grado seu, os seus costumes, os seus habitos e toma parte activa na governança do paiz, que em pouco lhe pertencerá exclusivamente.

Em breve, diz um jornal americano, as ilhas Sandwich pertencerão a alguma das grandes potencias maritimas do globo, que naturalmente será a União Americana, a qual não póde consentir que a França ou a Inglaterra se apossem destas ilhas, que pela sua posição geographica, pela sua população quasi toda de Americanos só podem pertencer aos Estados-Unidos.

GOLPHO DA FINLANDIA HELSINGFORS E SWEABORG.

A ilha de Hogland, situada na parte oriental do golpho, por todos os lados offerece ancoradouros profundos. A sua forma como a de Cronstadt he oblonga, he porém mais espaçosa, e a cordilheira de montes que corre de um a outro extremo da ilha concorre para tornar os ancoradouros muito abrigados.

Viborg, no extremo de uma bahia que entra pela terra o espaço de dez leguas, he capital da Carelia que faz a primeira provincia da Finlandia conquistada pelos Russos, que della estão de posse desde 1721.

He uma praça forte defendida por uma cidadella, e por uma muralha de rochedos: a sua população he de 3 a 4:000 almas. O porto não tem altura sufficiente para receber nãos, porém na bahia ha bacias profundas e abrigadas, formadas por ilhas, nas quaes se entra por um estreito chamado Trans-Sund. Esta bahia he tambem uma posição militar magnifica.

Helsingfors he a capital russa da Finlandia, esta praça he como uma cidadella avançada a celebre praça de Sweaborg, appellidada da Gibraltar do Norte.

Helsingfors he uma cidade de 10:000 habitantes, não incluindo os soldados e homens do mar, fica situada n'uma posição forte, sobre um promontorio, no meio de uma bahia, cuja entrada he defendida por Sweaborg.

Em frente, na distancia de quinze leguas, fica o porto de Revel, na costa meridional do golpho da Finlandia.

De sorte que os tres grandes postos militares da Russia, Cronstadt, Helsingfors e Revel acham-se reunidos neste golpho, bem como S. Petersburgo.

O porto de Helsingfors tem trinta pés de agua; podem nelle ancorar as maiores nãos. Possue um dique aberto na rocha viva. A cidade está bem fortificada, e he além disso flanqueada por dous fortes Ultric-Borg, e Bouberg. Na distancia de dous a tres kilometros para a frente, esta a fortaleza de Sweaborg, que he a reunião de sete fortalezas levantadas sobre outros tantos ilheos unidos por diques. Estes ilheos, dispostos em elipse, tem no centro um porto magnifico que dá entrada para o porto de Helsingfors, espaçoso e magnifico ancoradouro.

Os baluartes e as baterias de Sweaborg são de pedra vermelha. Algumas, são abertas na propria rocha, na altura de quarenta e cinco pés. O para-peito he formado de terra coberta de gazon para evitar que as balas batendo na pedra a façam saltar em pedaços.

N'um dos ilheos existe um pharol. O mais extenso destes ilheos he o Stor OEster Svalto: a (grande ilha negra do leste), porém o mais importante he o Gustafsferd (a espada de Gustavo) onde estão a cidadella, e grandes cisternas que fornecem a agua necessaria aos demais fortes que della carecem.

Ha um outro ilheo, além dos sete e separado delles, chamado Tkantz-Landet (ilha dos Reductos) onde se levantam duas formidaveis baterias dirigidas contra os que se aproximarem de Sweaborg, e finalmente o pequeno ilheo de Kung...olm flanqueia o anterior com duas baterias.

O imperador Nicoláo mandou construir, ha poucos annos, um dique que liga Sweaborg a Helsingfors, tendo como pontos de apoio alguns ilheos desertos. Esta construcção, que está armada commuitas baterias, augmentou consideravelmente a força das duas praças. Ambas possuem estaleiros de construcção, officinas de fundição e de todas as qualidades, espaçosos armazens, quarteis vastissimos, em summa tudo quanto pode exigir um immenso arsenal. Helsingfors e o seu porto he a estação habitual de uma das tres esquadras russas do Baltico: Sweaborg he mais particularmente destinado á esquadrilha de guerra, armamento maritimo indispensavel nestas paragens.

O aspecto de Sweaborg he aterrador, por toda a parte se veem altissimas escarpas, baterias e baluartes de granito abertos na rocha viva, como em Gibraltar, e que arrostam com todos os meios de destruição mais terriveis. Desde que o braço de mar, que separava estas duas praças, está cortado por um dique não he possivel entrar no ancoradouro de Helsingfors senão pela passagem de Sweaborg, que fica entre o ilheo da cidadella e o dos Reductos, passagem muito estreita, e exposta por todos os lados a um fogo cruzado.

Este primor d'arte de architectura militar, construida pelos Suecos, he considerada como inexpugnavel. Todavia alguns militares pensam que não seria impossivel tomar a ilha dos Reductos, que está isolada do grupo dos fortes, e que deste ponto poder-se-hia, se não tomar, pelo menos bombear Sweaborg, para incendiar os estaleiros, nãos e a esquadrilha de guerra. Seja como for, os habitantes de Helsingfors estão aterrados. Os habitantes estão persuadidos que a esquadra combinada talvez tente forçar a passagem, atravessando-a com rapidez, favorecida por vento de feição, correndo o risco do fogo cruzado: ou então que, deixando Sweaborg a direita, a esquerda viria atacar Helsingfors pelo lado do oeste. Parece que o governo russo comprehendeu este perigo, por isso que fez transportar para S. Petersburgo o dinheiro do banco da Finlandia.

Sahindo de Sweaborg na direcção da cidade de Abo, dobra-se o cabo de Hango, que he o extremo mais meridional da costa finlandeza, e domina a entrada do golpho do lado norte, como a ilha de Dago a domina pelo sul. N'uma ilha em frente do cabo de Hango ha um pharol, e no cabo existe uma fortaleza chamada Gustafsvoern, e de cada lado um bom ancoradouro. O cabo de Hungo he uma excellente posição militar para servir de estação a qualquer esquadra.

Não he possivel entrar no porto d'Abo senão atravez dos canaes tortuosos do seu archipelago, tão extenso como o de Stockolm. No porto d'Abo só podem entrar navios mercantes; porém os navios de guerra ancoram da parte de fóra, na bahia d'Ersta, que he uma clareira no meio um grande grupo de ilhas proximas umas das outras. Abo conta doze mil habitantes, e possue magnificos edificios, foi outr'ora capital da Finlandia, por ser a cidade mais visinha de Stockolm. Os Russos transferiram a séde do governo e a universidade para Helsingfors, porque esta cidade fica mais proxima de S. Petersburgo, tambem porque as suas fortificações, o seu arsenal maritimo, a fortaleza de Sweaborg e a presença de uma esquadra tornam-na um ponto de apoio mais forte para o dominio da Russia.

O reino da Suecia perdeu a Finlandia em 1808, por culpa do rei Gustavo 4.º, principe que tinha um caracter extravagante, e que sonhava com emprezas superiores ás suas forças e ao seu genio. Tornando-se o D. Quixote da legitimidade, declarou a guerra a França na época em que Napoleão 1.º pelejava no norte contra a Prussia e Russia. Depois da paz de Tilsitt, Gustavo, proseguindo na guerra contra a França, na Pomerania, ousou louca e temerariamente declarar a guerra á Russia, dizendo que era uma vergonha a amisade de Alexandre e de Napoleão. A nação sueca recusou afinal ajudar nos seus loucos intentos um principe, que era evidentemente um doudo politico. A Suecia perdeu a Finlandia com esta funesta guerra.

A população não se oppoz á conquista. O exercito sueco, descontente e desmoralisado pelas extravagancias do rei, carecia dos necessarios recursos. Sweaborg e a esquadra foram entregues aos Russos; um general, sacrificando a patria ao seu odio contra Gustavo, entregou a fortaleza, julgando talvez que seria restituida depois da paz.

A Russia domina hoje sem rival n'um mar, em que a Dinamarca e a Suecia não tem força sufficiente para a contrabalançar.

(*Jornal do Commercio* de Lisboa).

Lord John Russel submettido a reeleição por causa de sua nomeação para o lugar de presidente do conselho privado, foi reeleito, quarta feira passada pela cidade de Londres. Ainda que Mr. Urquehart tivesse annunciado sua candidatura, e elle estivesse presente no salão de Guildhall, entendeu que não davia fazer propor seus serviços por nenhum de seus amigos; por esta razão a eleição não foi contestada.

Lord John Russel, depois de ter respondido á algumas questões relativas a negocios de interesse local, que lhe tinham sido feitas, agradeceu aos eleitores nestes termos:

« Agora, senhores, eu vos fal arei da questão do dia, daquella que absorve a attenção geral, a ponto de fazer que as medidas, que eu tinha esperado fazer passar no seio do parlamento para augmentar os direitos civis e religiosos de um grande numero de nossos compatriotas, fossem antes desprezadas que discutidas, e retiradas mais por deferencia para com a opinião publica, do que por causa da opposição que ellas tem podido levantar no seio do parlamento. Esta grande questão, senhores, he a guerra em que estamos empenhados

Não entrarei nos longos debates, que são familiares a todos vós, relativamente á origem desta guerra. O governo, como sabeis, tentou por todos os meios e por tanto tempo, em quanto pôde abrir caminho para um arranjo pacifico, e creio que, obrando deste modo, estavamos de accordo com o sentimento geral do paiz. (*Bem ! bem !*) Os beneficios da paz, de que gozamos ha quarenta annos, não eram de tão pequena importancia, para que se podesse renuncia-los levianamente. (*Applausos.*)

Portanto, só depois de ter visto que a ambição do imperador da Russia não podia contentar-se com nenhuma das concessões razoaveis, que o sultão estava prompto para fazer, somente depois de se ter convencido, que o czar, não obstante todas as admoestações desprezando propostas de todo o genero, estava resolvido a reter o territorio de seu visinho, aconselhamos á rainha que declarasse, que ella era obrigada a tomar as armas para defender um alliado tão injustamente atacado. (*Applausos.*)

Fazendo, senhores, esta declaração, tinhamos por nós á cooperação do alliado de S. M. o imperador dos Francezes, (*applausos*), e espero que esta harmonia sobre uma questão tão grande, nos levará á uma permanente amizade com o grande povo, que he nosso vizinho, e que representa comnosco as duas nações mais civilisadas da Europa.

Conheçamos, senhores, por experiencia a valentia da nação franceza, como ella conhece a nossa, e como irmãos d'armas, não duvido que desenvolvamos essas qualidades, de que até aqui temos dado provas, sobretudo na guerra de uns contra os outros (*Applausos.*)

Todavia, senhores, ha outras nações, que não tem menos interesse que a França e a Inglaterra, em defender a independencia da Europa contra uma potencia ambiciosa: quero fallar dos grandes estados da Allemanha. Creio que, se os successos da Russia, se a conquista da Turquia e a occupação de Constantinopla fossem perigosos para a França e Inglaterra, as nações da Allemanha deveriam considera-los como uma oppressão para ellas; por esta razão o imperador d'Austria e o rei da Prussia são moralmente por nós, e espero que a guerra, que começamos, hade ser uma guerra feita ao imperador da Russia por cinco potencias e não por duas.(*Applausos.*)

Sei muito bem que havia gente, que dizia:

Não soccorramos os Turcos ! e invocavam diversas razões e diversos pretextos. Uns allegavam que os Turcos eram um povo tão barbaro e seu governo tão máo, que deviamos abandonar.

Este argumento, senhores, não he novo, já o temos ouvido em outras épocas; mas devemos saber, que o fim, a que se propunha chegar com este argumento, não era censurar os Turcos, nem leva-los a melhorar seu governo, mas sim satisfazer o imperador da Russia. (*Applausos.*)

He facil fazer sobresahir, não sou eu quem o negue, os defeitos, digamos melhor, a má administração e a crueldade que se tem podido fazer ver no governo turco. Mas he disso que se trata hoje ? A questão era resistir as invasões da Russia, pela minha parte não duvido que, se resistirmos com successo ás invasões daquella potencia, o progresso das instituições turcas e a prosperidade dos christãos vassallos do sultão resultarão desta resistencia e deste successo. (*Applausos.*)

De outro lado, se o imperador da Russia devesse triumphar, cumpre não esquecer que seria a victoria de um governo, que procura supprimir por toda a parte toda a liberdade de pensamento (*applausos*), um governo do qual nenhuma liberdade politica ou religiosa nada pódem esperar; seria a victoria de um poder mortal para a Europa, que viria finalmente atacar as nossas instituições, como incompativeis com a monstruosa tyrannia que elle tem conseguido estabelecer em seu paiz. (*Applausos.*) Ainda se tem dito que teriamos obrado com mais acerto, se houvessemos abandonado os Turcos a si mesmos. He este o argumento do imperador da Russia. Elle tem dito constantemente: Este negocio só diz respeito a nós; não vos mettais nelle; deixai o sultão entender-se comigo; tenhamos nós dous uma conferencia amigavel, e não ha duvida de que havemos de accommodar-nos amigavelmente. (*Risadas e applausos.*)

Nós, senhores, temos pensado que, sendo o imperador da Russia o mais forte dos dous, essa conferencia amigavel não poderia terminar senão de uma maneira fatal para os Turcos, e vemos que o governo aceitou contente nossa cooperação, a qual já lhe tem sido muitas vezes util. Agora vou fallar-vos do modo de se fazer esta guerra.

Permitti primeiramente que eu vos faça observar, como se fez com muita razão na camara dos communs, que não podemos esperar desta guerra nenhuma das vantagens, que tem podido resultar para nós das guerras precedentes, como por exemplo, a conquista da Jamaica ou da ilha da Trindade; não se póde fazer o mesmo com a Russia. Não aceitariamos nenhuma de suas possessões, se no-la offerecessem; não ha uma só dellas, que, pela minha parte, eu possa cobiçar. (*Risadas.*) Ha outra cousa. Somos orgulhos da gloria adquirida para a Inglaterra por Nelson em San-Vicente, ou por Decan em Camperdown; mas estas victorias foram alcançadas por elles sobre valentes inimigos, que vinham offerecer-lhes batalha (*applausos estrondosos*), que se apresentavam denodadamente em combates, nos quaes podiamos oppor-lhes o valor e a audacia de nossos almirantes marinheiros. Desta vez nada temos que fazer com um inimigo, que esconde suas esquadras em muralhas de granito (*risadas*), que põe suas nãos por detraz dos muros de pedra carregados de canhões, e que não ousa em nenhuma parte afrontar nem a Dundas nem a Napier (*applausos*); porque, se o fizessem, não ha duvida que estes bravos almirantes soubessem, segundo a expressão consagrada, dar bôa conta das esquadras russas. (*Risadas e applausos*).

Que podem elles emprehender agora ? he o que não me pertence decidir, posso somente dizer, que temos confiado os commandos a valentes e habeis almirantes; que elles farão tudo que permittir a valentia e habilidade; e que elles se conduzirão como os dignos filhos da Inglaterra. (*Applausos.*)

De outro lado, senhores temos feito, o que se não tinha visto ainda em nenhuma guerra. Desde o principio enviamos um exercito terrestre em defeza do nosso alliado. Nossos meios militares são sem duvida inferiores aos das grandes monarchias continentaes; não temos a conscripção para augmentar de repente nossos exercitos em 80,000 ou 100,000 homens; nossos exercitos levantam-se custosamente, elles só recrutam voluntarios, comtudo o exercito, que já temos enviado occupa uma das principaes fortalezas do imperio, e tem dado um reforço consideravel a esse exercito turco, que o valente e habil Omer Pachá commanda. (*Applausos*) para lutar com os Russos na empreza, que vamos tentar juntos. Mas não he somente a paz depois da guerra, a paz que queremos solida, duradoura e honrosa. Fora uma presumpção extraordinaria da minha parte e uma falta de meus deveres, se eu vos dissesse, quaes são as condições com as quaes o governo está prompto para olhar a paz como solida, duradoura e honrosa. Além disto he esta uma questão, que não diz respeito somente ao governo inglez; a este respeito teremos de entender-nos com o nosso alliado o imperador dos Francezes, com as outras potencias, se, como confio, as outras potencias se reunirem comnosco nesta luta para a independencia da Europa. Demais os termos desta paz dependerão da fortuna da guerra, do successo com que operarmos contra os batalhões russos; mas o que posso entretanto affirmar altamente, he que não faremos uma paz insufficiente; he que não deporemos as armas senão depois de termos obtido garantias para o futuro (*applausos estrondosos*); he que depois de se ter feito os grandes esforços, que temos feito, depois de termos conhecido os designios da Russia, seriamos os mais toleos dos mortaes, se fossemos assignar uma paz sem garantias, que permittisse ao nosso inimigo de hoje espreitar a occasião, e esperar que dissenções entre outras potencias lhe dessem um momento favoravel para conseguir seus fins. (*Applausos*).

Ora a consecução destes fins, que sabemos, seria fatal á liberdade da Europa, (*applausos*) e eu vos peço que empregueis todos os meios, que evitem a consummação de taes acontecimentos. Creio que os corações, a valentia, o genio e o poder dos Inglezes, associados aos dos nossos alliados, apoiados pela sympathia da Europa, e não só da Europa senão tambem de humanidade toda, nos farão chegar ao grande resultado que proseguimos, e peço a Deos que para este nobre fim, conceda a victoria ás armas de S. M. (*Applausos prolongados.*)

(*Journal des Debats.*)

Londres 10 *de junho.* — *Abertura do palacio de crystal de Sydenham.*

« A rainha procedeu hoje á abertura do palacio de crystal de Sydenham. As portas do palacio foram abertas ás onze horas, e o povo precipitou-se sem desordem no seu recinto.

« No numero das primeiras pessoas chegadas, estavam o conde Walewski, embaixador de França, o conde Granville, lord John Russell. M. Disraéli, lord Grey, o conde Derby, lord Stanley, lord Beaumont, o conde de Aberdeem, lord Polmerston, sir George Grey, o ministro Americano, o bispo de Londres, o marquez de Westminster, etc.

« Uma hora pouco depois, o lord-maire e o conselho municipal de Londres chegaram em corpo e foram applaudidos em sua passagem. Cada um tomou o lugar que lhe foi assignalado pelo programma official. Uma circumstancia das mais interessantes da ceremonia foi a chegada de uma deputação da nação franceza. Ainda que os membros desta deputação viessem em carros particulares, sem pompa nem ostentação, espalhou-se a noticia de que era a deputação franceza, e logo applausos calorosos e sustentados provaram á esta deputação quanto a sua presença era bem acolhida.

« S. M. e seu illustre marido sahiram do palacio Buckingham pouco depois de duas horas, e partiram para Sydenham, onde chegaram ás tres horas em ponto

« No palacio e pelo caminho S. M. foi aclamada pelos testemunhos de sympathia que seus subditos são felizes em prodigalizar-lhe. Os convidados foram admittidos nos repartimentos do orte e do meio-dia. Elles encheçam todo o edificio, excepto o repartimento do centro da nave, reservado para a ceremonia,

« Um pequeno numero de aseentos era reservado para o corpo diplomatico, para o acompanhamento de S. M., para os membros da camara dos lords e da camara dos communs, e asses personagens, pela maior parte vestidos de côrte, davam á ceremonia um aspecto grandioso.

« O throno de S. M. estava debaixo de um docel levantado acima de um estrado situado no centro do edificio. Em face desse docel, reuniram as duas horas e meia os directores e os primeiros empregados vestidos de grande gala. O arcebispo de Cantuaria, os ministros de S. M., os altos funccionarios e os embaixadores estrangeiros estavam á direita e á esquerda do throno.

« Os corpos municipaes ficaram em face do docel, e com elles os commissarios estrangeiros, os commissarios reaes da exposição de 1851, e das exposições de New-York, Dublin, Paris, e os presidentes das sociedades sabias.

« Entre elles observavam-se o general Morin, director do conservatorio imperial das artes e officinas, e presidente da exposição universal; o conde de Luseps, ministro plenipotenciario de 1.ª classe, membre da mesma commissão, e M. Arlés Dufour, membro da camara de commercio de Leão e secsetario geral da commissão imperial.

« S. M. a rainha, o rei de Portugal, o duque do Porto, a familia real e sua comitiva chegaram ás 3 horas. S. M. subio ao throno, para onde acompanharam-n'a os officiaes da côrte e os funccionarios do palacio. A sua chegada, um chôro, composto de 400 instrumentos e 800 cantores, os quaes pertenciam as diversas sociedades musicaes do reino, executaram o *God save the Queen*, que produzio um grande effeito.

« Logo quecessou a musica, os directores da companhia aproximaram-se do docel, e o presidente leu a S. M. um discurso em que narrou a origem e expoz o fim da empreza. S. M. respondeu-lhe graciosamente.

« Depois que apresentaram varios objectos a S. M., formou-se um cortejo em frente do qual estavam os inspectores dos trabalhos e os principaes empregados, os emprezarios, os architectos dos cursos industriaes, os principaes officiaes, e os chefes do departamento, assim como os directores sir J. Paxton e M. Loing.

« Apoz elles vinham a rainha, o principe Alberto, o rei de Portugal, a familia real. S. M. R. o duque do Porto, e seus respectivos acompanhamentos, o arcebispo de Cantuaria, os ministros em exercicio, os embaixadores, os ministros estrangeiros. Na volta do cortejo, S. M. sentou-se de novo debaixo do docel; os ministros e os embaixadores tomaram tambem os lugares, que occupavam, o arcebispo fez uma supplica, implorando a benção de Deos sobre a empreza, e a orchestra executou o chôro de *Alleluia*.

« S. M. proclamou depois com voz clara e firme, no meio dos mais vivos applausos, a abertura do palacio de crystal. A orchestra executou de novo o *God save the Queen*, retirando-se a rainha no meio de sua execução.

« Durante todo o dia de hontem trabalhou-se com grande actividade nos preparativos para a recepção de S. M. e de sua comitiva, afim de inaugurar-se hoje este edificio.

« No alto das naves estavam arvoradas 18 bandeiras de diversas nações.

« Durante todo o dia, o caminho estava em toda a extensão, coberto de cavalleiros e de homens a pé. Era um espectaculo brilhante e animado.

(*Presse.*).

AS ESPERANÇAS RAZOAVEIS E DESRAZOAVEIS DA HUNGRIA.

Damos amplo desconto ás loucuras, aos desatinos, e até á violencia dos patriotas banidos. Sabemos quão amargo he o pão da caridade, quão suffocador he o ar do exilio. Comprehendemos cabalmente que, para homens creados nas planicies hungaras, ou nascidos debaixo do céo italiano, as ruas de Chelsea e o clima de Bayswater devem ser pouco preferiveis ás paredes e telhados de uma masmorra. Sympathisamos plenamente com a louca impaciencia, com o cruel desespero de refugiados infelizes, porque, em terra estranha, e cercados de estrangeiros negligentes, de aspecto estranho e fallando lingua não familiar, veem todos os dias as suas esperanças frustradas, o seu horisonte entenebrecer-se, os seus meios de subsistencia consumir-se, a alvorada dos dias mais brilhantes repentinamente nublar-se, a dourada opportunidade a que aspiravam para a salvação e livrança ir fugindo sem deixar utilidade alguma. He natural que, sob circumstancias tão atormentadoras, o bom senso abandone-os; que se aproveitem de qualquer accidente, posto que insignificante—de qualquer tentativa, posto que desesperada—de qualquer cooperação, posto que traiçoeira ou sinistra—que lhes proporcione a mais ligeiro projecto de liberdade para o seu paiz ou de livrança para elles. Até não deve admirar se, desenganados nas suas esperanças de coadjuvação pela sympathia do bem e da liberdade da especie, procurarem nas paixões interesseiras do maligno e do máo. N'uma palavra, não sorprende, se os exilados hungaros, vendo que a França e a Inglaterra se tornam surdas ás suas supplicas de alliança e redempção, se voltarem desesperados para a Russia, e aceitarem do interesse de um inimigo activo aquillo que em vão haviam sollicitado á languida benevolencia de amigos inactivos;—se disserem outra vez como disseram ha um seculo,

Flectere si nequeo superos, acheronta movebo.

Mas posto que este humor desesperado não cause admiração, he digno de ser deplorado. Em homens que tem pretenções ao titulo de estadistas, he até merecedor de severa censura. Temos para nós que poucos dos admiradores de Kossuth podem ter lido ou ouvido sem afflicção e sem dor essas passagens dos seus recentes discursos em que elle falla da probabilidade dos seus compatriotas, privados do soccorro da Inglaterra ou do arrependimento da parte da Austria, se lançarem nos braços da Russia, aceitando armas e soccorro da parte de Nicoláo para se insurgirem e se tornarem instrumentos entre dous despotas que outr'ora se combinaram para esmaga-los. Confessamos que de todos os systemas de politica suggeridos pela loucura ou aceitos pelo desespero, este parece-nos o mais vulgar e o mais fatal. Em verdade, não nos sorprendeu ouvirmos dizer que semelhante projecto entrara em discussão; dissemos ha dous mezes que uma tentativa para excitar sublevações na Hungria e nas provincias sclavonias seria uma das operações estrategicas da Russia, no caso que a Austria se declarasse ou ameaçasse declarar-se contra ella; mas quasi que não esperavamos que o popular e sagaz chefe magyar cahisse tão depressa na cilada, e quizesse representar o mesmo papel de loucura que os mizeraveis Gregos. Difficilmente podemos conceber uma politica mais certa para dividir e arruinar a Hungria do que a de uma insurreição a instancias da Russia, pelos meios russos, e para fins puramente russos. Releva que os Hungaros considerem a questão sob um aspecto mais particular.

Em primeiro lugar, que probabilidades de triumpho teria semelhante movimento ? Concedamos que a sublevação se effectue (o que não he facil, se attendermos a numerosa força militar que actualmente a Austria tem estacionada na Hungria, a condição desarmada da população, e a ausencia pela morte ou pelo exilio de quasi todos os seus chefes)—mas admittamos a cousa como effectuada;

FOLHETIM.

UMA HISTORIA DE FAMILIA. (*)

POR MERY.

XIV.

(*Continuação.*)

O serao' do decimo quinto dia.

Saint Servais tomou uma carruagem na estação visinha e ordenou ao cocheiro que o conduzisse á entrada da rua de Vaugirard com a maior rapidez.

Durante o trajecto elle preparou uma phrase sagaz e decente para reclamar seu deposito o qual presumia estouvadamente guardado por Isaura.

Demais elle não mentia quando confessava assim seu aperto ao porteiro da casa da rua de Provença. Seu amigo Pascoal tinha-lhe tomado tudo de uma só vez na estação do caminho de ferro, e como um instincto vago aconselhava sempre a Saint Servais uma prompta emigração, esses dous mil francos, outr'ora superfluos tinham-se-lhe tornado necessarios para executar um projecto de viagem. Assim nessa noite dous sentimentos conduziam esse rapaz á casa de Isaura, o habito e a necessidade.

A rua de Vaugirard estava quasi deserta quando Saint Servais apeou-se; parecia que o relogio do Luxemburgo tinha dado meia noite duas horas antes.

Elle dirigio-se ao quarteirão longinquo, onde Isaura estabelecera seu novo domicilio. Essa vista interior que funcciona em nossa alma nas horas solemnes da vida, e nos dá o que chamam os presentimentos, revelava a Saint Servais alguma cousa de lugubre nessa zona de Paris, onde o toque de recolher parece soar ainda ao anoitecer, assim como soava para os obreiros do palacio de Medicis.

Todavia elle caminhava com precipitação, e parava repentinamente de quando em quando para ver os numeros das casas escassamente allumiadas por mui poucos lampeões de gaz. A' medida que aproximava-se do fim, experimentava emoções ate esse momento desconhecidas, as quaes attribuia á tristeza nocturna desse quarteirão solitario.

Seus olhos rapidos fitavam-se em todas as direcções para conjurar um ataque de sorpreza; mas a sombra de um corpo humano não se mostrava em parte alguma, e essa ausencia da vida tranquillisava-o e o aterrava ao mesmo tempo. Atravez das grades dos muros ouviam-se murmurar surdamente as arvores dos jardins e as grandes avenidas do Luxemburgo.

Saint Servais guiado pela serie dos numeros chegou á casa designada, e respirou um instante, depois tocou timidamente a companhia, e a porta abrio-se como por si mesma. Saint Servais entrou, tornou a fecha-la, e atravez das trevas do vestibulo vio um corredor luminoso que terminava em uma sala muito bem esclarecida. Caminhou alegremente para ella, e achou-a mobiliada com elegancia, mas deserta. Todavia o rapaz não estranhou isso, porque muitas vezes na rua de Provença Isaura fazia-se esperar na sala, como fazem todas as mulheres que tem sempre de mirar-se pela penultima vez no espelho para mostrar-se a um adorador irreprehensivelmente ataviadas.

Um só movel desdourava essa sala; mas Saint Servais julgou adevinhar logo seu destino muito evidente e sorrio: era uma mesa estreita e desmedidamente longa coberta de um tapete verde.

— Muito bem, pensou elle, comprehendo agora o sentido occulto no bilhete de Isaura. Aqui neste quarteirão deserto ella podera dar lucrativos serões de jogo sem receiar uma visita da policia. Esta mesa enriquecerá a dona, ella ama tanto o dinheiro !

Saint Servais continuando a examinar minuciosamente todos os recantos desse salão deparou com um quadro coberto de preto, suspenso á parede do outro lado da mesa, e encarou muito tempo esse objecto mysterioso com uma especie de curiosidade inquieta. Depois adiantou-se lentamente, e subindo em uma cadeira levantou o véo, e vio dous retratos no mesmo quadro ! Primeiramente reconheceu Isaura, e depois reconheceu o outro.

Estava escripto em baixo do quadro: *O conde e a condessa de Sullauze.* Era impossivel engar-se, os dous retratos eram semelhantes e executados por mão de mestre. Parecia ver-se os originaes.

Essa espantosa apparição de retratos trouxe-lhe a memoria a outra do salão de Saint Mande, um suor frio gelou-lhe o sangue, as raizes dos cabellos abrazaram-lhe a fronte, elle voltou-se como em Saint Mande e vio um homem de rosto pallido, o espectro do conde de Sultanze, o qual disse-lhe:

— Sou eu ainda ! mostrando-lhe os orificios de duas pistolas de alcance.

Saint Servais ficou immovel em pé sobre a cadeira como paralysado pelo terror.

— Posso desta vez, disse o conde Caetano, posso matar-te sem nenhum risco; está em minha casa, Isaura he minha mulher.... Eis-aqui meu contrato de casamento, podes lê-lo.... Porém advirto-te de que se arriscares um passo para passar essa mesa, farei fogo.

O conde lançou com um gesto de desdem para o outro lado da mesa, uma folha de papel com uma lamina de chumbo.

— Ordeno-te que tomes esse papel, e o leias. Meus dedos apertam dous gatilhos; não me irrites. Não respondo mais pela minha vontade.

Saint Servais tornando a si de um subito accesso de terror, julgando-se feliz por não ter sido morto no primeiro momento, tomou um desses ares humildes que abrandam a colera nos corações generosos, e obedeceu á ordem do conde. Apanhou a folha de papel, e leu-a rapidamente sem todavia perder de vista as duas boccas de fogo assestadas sobre elle.

Terminada a leitura, deu mais humildade ainda ao seu porte, e resignado como um gladiador vencido, julgou dever aventurar estas palavras:

— Senhor conde de Sullauze, eu não sabia que Isaura era sua mulher.

Uma risada nervosa sahio em notas estridentes do peito do conde, o qual exclamou:

— Ah ! que reflexão sagaz ! Não trata-se aqui de minha mulher, he minha filha, minha filha que grita-me vingança ! e que emfim a obterá esta noite ! Eis-aqui o que venho pedir-te invencivelmente: tua vida está em minhas mãos, está nestes dous cannos de pistolas. Recusaste combater, recusaste uma satisfação de honra, pois bem ! tomei minhas medidas ! Quero matar-te e dizer á justiça: Este mizeravel veio a minha casa com um pensamento adúltero; correi-o que lhe achareis sobre o peito o retrato de Isaura em medalha, eis as cartas que escrevia á minha mulher, lede-as. Usei do direito dos maridos, matei o infame ao pé do leito conjugal. Nenhuma voz nem mesmo a da justiça, dará o nome de crime ao mais justo dos castigos.

Saint Servais abaixou a cabeça em signal de adhesão.

— Então reconheces que posso matar-te aqui sem outro preambulo, e que tua morte não attrahirá sobre minha cabeça nenhuma punição ?

— Todas as apparencias são em seu favor, disse timidamente Saint Sevais, o senhor organisou sagazmente sua vingança: mas o senhor he homem honrado, e não me assassinará. Juro conceder-lhe amanhãa a satisfação que recusei-lhe...

— Amanhãa ! amanhãa ! interrompeu o conde de Sullauze, julger-me louco. Eu deixar-te escapar segunda vez quando tenho-te nas mãos ! Ouve, e veras se sou homem honrado como dizes. Dá um passo á diante... levanta o tapete que cobre essa mesa, e acharás duas espadas. Escolhe a tua, envia-me a outra, e defende tua vida, se poderes. Oh ! certamente, se hesitares, cessarei de ser generoso, matar-te-hei sem combate.

Saint Servais fez signal de que ia obedecer, abaixou-se, levantou a franja do tapete, procurou com uma mão as espadas, cujo ferro retinio, e com a outra tirando da algibeira uma pistola levantou-a rapidamente e fez fogo sobre o inimigo na distancia de quatro passos.

Um grito terrivel resoou ao mesmo tempo, o conde respondeu, o Saint Servais ferido por duas balas cahio morto sobre o assoalho.

O conde ferido no hombro procurou um ponto de apoio no encosto de uma poltrona, e assentou-se tendo os olhos fitos no sangue que corria debaixo das franjas da mesa, e chegava-lhe aos pés.

Tudo isso tinha-se executado com a promptidão do relampago. Alguns minutos depois, um rumor de porta aberta e tornada a fechar, chegou aos ouvidos do conde. Era San Nereo o qual entrava e caminhava com a prudencia do soldado que farejou uma emboscada, e está prompto para dar a morte antes de recebe-la.

— San Nereo, meu filho ! disse o conde com voz debil, venha, venha, tudo está acabado...

—Então o rapaz estugou o passo, e deu um grito de dor vendo o conde de Sullauze banhado em sangue, e com o rosto coberto da pallidez da agonia.

— Eu ferido ! elle morto ! disse o conde apontando para o outro lado da mesa, onde jazia o cadaver de Saint Servais.

Um sentimento generoso suffocou a curiosidade de San Nereo, o qual não olhou para o lugar designado, prodigalisou seus cuidados ao heroico ferido, seu nobre vingador, misturou suas lagrimas com o sangue que corria da ferida, e depois que certificou-se bem de que a bala tinha somente furado a carne sem interessar a articulação do hombro, poz as mãos e rendeu graças a Deos em uma oração mental. Depois chegando-se á mesa, vio o cadaver, e deu-lhe esse olhar de piedade que um homem generoso concede sempre a um inimigo morto.

O conde Caetano que havia previsto todas as combinações provaveis dessa terrivel noite, disse a San Nereo:

— Não convem perder um instante; vou a casa do promotor publico fazer meu relatorio, mostrar-lhe minha ferida, e conduzi-lo aqui. Previ tudo, sei onde mora o magistrado a que devo dirigir-me nesta hora adiantada da noite. Amanhãa irei fallar ao ministro da guerra que he um de meus antigos amigos, e companheiros de armas. Nossa tranquillidade domestica não será perturbada um instante, e graças ao meu ferimento providencial nem mesmo terei necessidade de constituir-me prisioneiro por formalidade. San Nereo, meu filho, va buscar-me uma carruagem, e vosse me acompanhará. No caminho lhe contarei com todas as circumstancias esta historia, da qual vosse apenas vio o fim.

As apparencias eram tão favoraveis ao conde de Sullauze que tudo aconteceu segundo seus desejos, e suas previsões. Elle foi até o fim, e de uma maneira favoravel o vingador de sua honra.

De todas as palavras que foram trocadas no fim desse grande dia entre o conde Caetano e o genro, convem ainda para a completa intelligencia desta historia recolher as seguintes:

— Meu filho, disse Mr. de Sullauze, vosse achará minha filha em Calais, he para lá que vou conduzi-lo, se minha ferida permittir-me a partir a manhãa.

— Branca não está em Paris ? disse San Nereo com uma especie de espanto.

— Algum dia, meu filho, hei de explicar-lhe todo o plano que executei para chegar ao resultado desta noite. Não tenha nenhum receio. Vosse tornará a ver brevemente minha filha, sua mulher, e depois me fará um serviço, um grande serviço... mas em Londres para outra mulher.

— Quando o senhor pedir, obedecerei, disse San Nereo.

XVII.

Dous mezes depois.

Quando uma historia chega a ultima peripecia, ao ponto culminante de interesse, parece não dever mais guardar um dia seguinte para o leitor. Todavia como o interesse que tem-se ligado ás personagens não se extingue repentinamente, convem ás vezes quando ha proveito para a moralidade da obra contar esse dia seguinte, e fazer brilhar ao menos um raio sobre o futuro de uma familia, depois de passada a borrasca.

Nosso dia seguinte sera de dous mezes, e nas cousas do presente que se vão ler, se saberão cousas desconhecidas de um passado de sessenta dias.

Em um salão do *Joney's hotel* em Leicester-square Isaura condessa de Sullauze está assentada e parece absorta na leitura da historia de Hume. Entra um criado, e annuncia o conde San Nereo. Isaura fecha o livro, depõe-no sobre uma mesinha, e levanta-se para receber o joven conde.

— Emfim, senhora, disse San Nereo apertando duas mãozinhas offerecidas, em fim trago-lhe uma boa noticia...

— Bem dito seja Deos ! disse a moça saltando de alegria.

— O conde de Sullauze chega a Londres amanhãa, tornou San Nereo sentando-se ao lado de Isaura. Elle está inteiramente restabelecido da ferida que recebeu no duello.

— Dous mezes ! disse Isaura, dous seculos ! A senhora condessa de San Nereo deve estar muito alegre.

— Ella revive, respondeu o rapaz. Ah ! senhora, desde o dia em que vim busca-la em Calais para conduzi-la a Londres, tem-me dado mais lagrimas do que sorrisos. Casamo-nos aqui para obedecer as ordens de um pai; o conde, como a senhora sabe, não quiz deixar que aguardassemos o seu restabelecimento. Se eu morrer, escrevia-me elle, quero saber antes de minha morte que vosses estão casados. Será isso a consolação de minha agonia...

— Ah ! conde San Nereo ! disse Isaura com um susto retrospectivo, o senhor tinha-me então occultado o estado assustador de meu marido !

— Eu obedecia, senhora. Essa ferida que ao principio parecia leve tomou depois um terrivel caracter de gravidade.

— Meu Deos ! disse Isaura pondo as mãos. E eu que attribuia essa tardança aos seus negocios !

— Emfim, elle está fora de perigo, a senhora o verá amanhãa.

— E a senhora condessa de San Nereo ignora ainda o casamento do pai ? perguntou Isaura.

— O conde Caetano reservou para si o prazer de annunciar seu casamento á minha mulher... respondeu San Nereo.

— Ditas estas palavras, elle levantou-se, e olhando pela janella aberta accrescentou:

— Temos um bello dia de outono. Minha carruagem está á porta; quer dar um passeio a Hyde-Park ?

— Oh ! não começarei minhas sahidas hoje, disse Isaura com viveza; emquanto meu marido não tiver chegado a Londres, não sahirei desta sala.

— A senhora tem estado presa dous mezes, disse San Nereo rindo-se.

E ficaria presa toda a vida, se o conde de Sullauze em pessoa não me abrisse as portas da prisão.

— A senhora deve ter tido enfados nestes longos dous mezes.

— Tenho lido muito, tornou Isaura, tenho-me exercitado na lingua ingleza, tenho esgaratujado maços de papel para aprender a escrever intelligivelmente. Oh ! não tenho perdido o tempo.

— Bem sei, bem sei, disse San Nereo com uma intenção manifesta. Sei tambem que a senhora temse visto obrigada a fechar a porta a muitos visitadores enfadonhos....

— Imagine pois o que me teria acontecido, se eu tivesse sahido ! disse Isaura rindo. Todos os dias appareço alguns instantes á janella, e Deos he testemunha de que não olho para outro homem senão para o Leicester de bronze que está a cavallo no meio do *square*. Pois isto basta para attrahir-me no dia seguinte vinte cartas assignadas *lord* ou *sir*, que pedem-me o favor de me fazerem uma visita na hora conveniente do *lunch*.

— De certo isso he incrivel, observou San Nereo; mas sabemos que he verdade.

— Londres toma os defeitos de Paris, continuou Isaura. Em Paris uma moça isolada que tem a felicidade de não ser feia, attrahe a si todos os velhos solteiros, todos os mancebos sem amor, e todos os maridos infelizes.

— Tem razão ! disse San Nereo rindo-se.

— Em Londres os mesmos costumes se naturalisam, e he isso mais um beneficio dos caminhos de ferro. A mulher que não he protegida, como dizem aqui, não he *respeitavel*. O hotel em que estou não he *respeitavel*, este *square* não he *respeitavel*. Tenho ja feito despedir tres criados deste hotel que não he respeitavel; porque entravam emquanto eu dormia, e depunham sobre a minha mesa um sortimento de cartas, bilhetes de vizita, joias, e ramalhetes. A cada instante depois de meio dia a camarista annuncia-me um lord, um negociante, um gentleman bem vestido, um Francez de viagem, um deputado da opposição, um tenor italiano, um coronel empregado no serviço de sua magestade, um banqueiro empregado no serviço de todos, um administrador de caminho de ferro... não sei mais quem. Debalde recuso receber alguem, a esperança permanece sempre em minha escada. Cada qual diz comsigo: Serei mais feliz que todos os outros, e todos os outros raciocinam da mesma maneira. Emfim isto vai acabar ! Amanhãa serei uma mulher respeitavel, amanhãa terei uma protecção !

— Sim, disse San Nereo, amanhãa ás tres horas o conde de Sullauze ha de vir tira-la desse hotel.

(*Continuar-se-ha.*)

(*) Vide o *Diario* n. 167.

MUTILADO

supponhamos uma extensa distribuição de armas e de munições pelos agentes russos(posto que os agentes russos não se mostrem;) supponhamos mesmo que as tropas hungaras e os officiaes, espalhados em varios regimentos austriacos possam desertar e voltar para a terra natal,—as vantagens contra elles ainda seriam mais enormes. Cumpre observar que toda a força da confederação germanica, da Prussia, da Baviera, do Wurtemberg, da Saxonia, se ligaria por tratado para ajudar a Austria a esmaga-los. Os compromissos recentes entre as côrtes de Berlim e de Vienna tiveram especialmente em vista esta contingencia. Na verdade, he possivel que em tal eventualidade a influencia russa se esforçaria para induzir os estados germanicos a negar a sua coadjuvação á Austria, mas em presença de interesses pessoaes e de tratados formaes, cuja tinta ainda não está secca, difficilmente esta influencia seria bem succedida. Então, que coadjuvação activa e efficaz as tropas russas proporcionariam aos insurgentes hungaros? Ellas mal tem podido sustentar a sua propria causa contra os Turcos sosinhos; tem sido desbaratada em quasi todos povo por molestia e casualmente; e parece que já os recontros, tem perdido um numero enorme de se vão retirando diante da juncção realisada das forças alliadas. Parece provavel que dentro em pouco ellas terão de tornar a passar o Pruth, e procurem defender a Crimea. A Austria está guardando as passagens dos Carpathos, por onde as tropas russas sómente poderiam marchar em soccorro dos Hungaros; e os triumphos da Turquia e as potencias accidentaes permittiriam que a Austria voltasse todo o seu poder contra os infelizes insurgentes. A Hungria prestaria grande serviço á Russia: a Russia prestaria insignificante serviço á Hungria. Certamente uma insurreição hungara impederia que a Austria prestasse activa coadjuvação ás potencias occidentaes na guerra dellas contra a injusta aggressão; mas não daria outro resultado. Prolongaria a guerra: não lhe modificaria materialmente a conclusão,

Então, semelhante movimento collocaria a nação hungara em uma situação mui falsa. Ella, um povo livre, pelejando em favor de uma constituição antiga, se acharia par a par com uma raça para quem liberdade e constituição são igualmente desconhecidas — são, para a maior parte, vocabulos inintelligiveis. Ella pelejando em favor da sua propria independencia, se acharia associada na mais estreita alliança com a potencia que se está esforçando para destruir a independencia de um vizinho. Ella, um povo donodado e mui intelligente, se acharia pelejando a injusta batalha do maior despota do mundo. Os exercitos enviados para coadjuvar a grande luta em favor da liberdade se comporiam de escravos, e seriam commandados pelos proprios generaes por quem ha cinco annos ella foi subjugada. N'uma palavra, fora isto a mais estranha alliança entre uma causa boa e uma causa má — a maior profanação de um nobre estandarte — que a historia nunca recordou. O sol, no seu amplo curso, mal brilharia sobre um espectaculo mais triste ou mais extravagante. O grande colossal autocrata de ambição pelejando em *favor* da independencia de uma nação e *contra* a independencia de outra! A nação mais nobre e mais intelligente da Europa oriental, sujeitando-se a comprar a sua propria emancipação, aceitando o soccorro de um hediondo criminoso, e consentindo no sacrificio de uma victima innocente!

A Inglaterra e a Turquia são dous alliados e amigos da Hungria, — a Inglaterra, pela sympathia de aristocracia e constituição, — a Turquia, por uma especie de consanguinidade, pela semelhança de linguagem, pela relação de sentimentos e de instituições militares. Verdade he que o nosso governo nunca fez cousa alguma em favor da Hungria, nunca proferio uma palavra para anima-la, nunca levantou um dedo para soccorre-la; — mas onde foi que os esforços hungaros encontraram mais ardente sympathia, onde foi que as offensas hungaras excitaram tão vehemente indignação, onde foi que os patriotas hungaros — em todo o tempo, e igualmente os tyrannos hungaros — encontraram um acolhimento tão singular, como na Inglaterra? Porventura já se esqueceu Kossuth da sua propria jornada triumphal por meio da nossa patria? — uma jornada tal, que poucos são os soberanos nativos que tenham gozado de semelhante. Entretanto elle deseja collocar a sua nação em uma situação de hostilidade comnosco; além disso, se a Hungria se tornar a alliada do nosso principal inimigo, e entrar na guerra contra o nosso alliado ostensivo, torna-se, *ipso facto*, e inevitavelmente, o inimigo activo do estado em favor do qual empunhamos as armas. Se ella impedir que a Austria se una comnosco, se ajudar a Russia pela retaguarda, levantando um poderoso exercito em seu favor; ajuda a Russia a zombar de nós, e a conquistar e escravisar a Turquia. He tão inimiga da Inglaterra e da Porta Ottomana como se os nossos exercitos se encontrassem em actual collisão. Obrigar-nos-ha, não certamente a coadjuvar a Austria a subjuga-la, mas a deixarmos que a Austria empregue toda a sua força contra ella, e que a Prussia empregue todas as suas forças auxiliares na luta, isenta de qualquer ameaça no Rheno.

Além disso, consideremos o negocio como de simples politica e de segurança. Se a Hungria se levantar ao aceno e a instancias de Nicoláo, ella deve conhecer e saber que vai servir de instrumento. Deve saber que elle não pode desejar e não ha de tolerar a existencia de uma nação magyar livre. Os Hungaros não se podem esquecer que he a elle que deverão a sua subjugação em 1849, e a sua triste condição actual; que elle se interpoz para esmagar as suas liberdades quando a Austria se achava tão fraca para fazê-lo; que as suas tropas incendiaram as suas povoações, saquearam as suas cidades, violaram as suas mulheres, assassinaram os seus cidadãos. Sabem que elle he, por natureza, por convicção, por necessidade, o inimigo implacavel da liberdade constitucional, quer aristocrata, quer republicana; que elle os coadjuva agora somente afim de impedir que a Austria lhe seja hostil; que os abandonará assim que houver realisado os seus intentos, ou assim que a paz e a segurança poderem ser compradas, desamparando-os. Sabem, ou devem saber, que elle pode ser um alliado somente *pro hac vice*. Sabem igualmente—ao menos todos aquelles que são estadistas e não meros demagogos, sabem—que a Hungria, isolada e independente, ainda quando fosse livre, não poderia subsistir por cinco annos. Ha somente tres possibilidades para a sua querida nacionalidade: — união com a Austria sob formas constitucionaes e sob garantias; estreita alliança com a Turquia—sendo a Turquia independente, garantida e poderosa; ou existencia sob protecção da Russia — até que a Russia possa absorve-la. Se não conseguir conquistar a sua independencia, como certamente aconteceria, a sua condição seria mais triste e mais deploravel do que mesmo agora: perderia todos os seus amigos, e exasperaria cada vez mais o seu poderoso inimigo. Se fosse feliz, o seu triumpho seria de curta duração. Nunca mais se uniria com a Austria; alienaria a Turquia em consequencia da sua egoista e não generosa hostilidade; ficaria sosinha, impotente, cercada de dous crueis inimigos e de um protector que ella devia temer mais do que os dous inimigos. A Russia promptamente a devoraria; o seu destino seria peior que o da Italia—soria o da Polonia, da Ukraine, da Crimea; seria absorvida por um despotismo odioso mas que o da Austria, porque he mais poderoso. Se alguem acreditar que a Russia mais do que a Austria soffreria uma Hungria livre junto dos seus dominios, ou que soffreria uma Hungria constitucional, encorporada com a sua coroa—o que só a Austria tem feito e ainda pode fazer—podemos dizer que a sua fé he tal que acredita no movimento das montanhas.

Temos para nós que estadistas hungaros persistirão na ameaça de unir-se á Russia e de rebellar-se com o soccorro della, com o intuito de perturbar a Austria no humano comportamento ou induzi-la a attender aos termos decorosos de restauração; e bom he que a Austria saiba que existes semelhante possibilidade. Como já temos repetido tantas vezes neste jornal, pensamos que seria prudente como politica christãa da parte da França e da Inglaterra demonstrar com vigor á côrte de Vienna a força que a Austria ganharia, na independencia da influencia russa e do apoio russo, e recobrando a sua alta posição como potencia de primeira ordem; se restituisse á Hungria a sua constituição, e fizesse della outra vez o seu braço direito,—fazendo justiça, ella ganharia ao mesmo tempo poder, credito, e segurança para o futuro. Mas todas as esperanças se perderiam se Kossuth precipitasse os seus compatriotas no monstruoso erro de procurar emancipar-se de um tyranno pela coadjuvação de um tyranno ainda mais poderoso. (*The Economist.*)

BOLLETIM HEBDONADARIO DA IMPRENSA ESTRANGEIRA.

Paris 13 de junho.

As gazetas inglezas e allemãas se tem mostrado, bem como as francezas, extremamente sobrias de conjecturas sobre o principal incidente da semana, isto he, sobre o encontro inopinado do imperador da Austria e do rei da Prussia em Teschen. Nos primeiros momentos, o *Times* declarou que difficilmente sahiria dessa entrevista alguma cousa que fosse agradavel as potencias occidentaes. O *Moniteur* enunciou uma opinião contraria e he esta ultima opinião que parece prevalecer presentemente, bem que tenhamos observado, como acabamos de dizer, uma reserva assás notavel, e que nos causa grande impressão, sobre tudo na imprensa britannica. He assim que vemos o *Morning Chronicle* encarar essa entrevista com uma circumspecção que não fica abaixo da prudencia obrigada da imprensa franceza. O que segue não parecerá perigoso em nenhum paiz do mundo:

« Os governos da Austria e Prussia guardaram provavelmente sobre o resultado de sua conferencia um segredo tão profundo como sobre o que nelle se tratou. A unica inducção que se póde agora tirar de sua entrevista, he que a mais perfeita intelligencia reina entre as duas côrtes allemãas. Os monarchas abandonam a seus ministros o cuidado de discutir as questões contestadas, e quando se reunem, pode-se com toda segurança presumir que estão já realmente deaccordo. »

Entretanto o *Morning Chronicle* leva a audacia ao ponto de continuar nos seguintes termos:

« Ha todavia razão de pensar que se receberam noticias annunciando a probabilidade de uma resposta negativa do czar ao pedido relativo á evacuação dos principados, e o imperador da Austria terá desejado consultar seu alliado antes de adoptar uma decisão definitiva. O conde Buol nem o barão de Manteuffel não exerceram na entrevista de Teschen uma influencia opposta á politica que os protocolos successivos de Vienna tem até certo ponto sanccionado. »

O *Morning Chronicle* conclue que no total a entrevista das duas testas coroadas será encarada com mais inquietação em S. Petersburgo do que em Paris e Londres.

Em um artigo que tem ja alguns dias de data, o *Times* exprimio-se nos seguintes termos sobre a situação da Allemanha em frente das potencias maritimas:

« Muito nos regozijamos com a união de pensamentos e interesses que existe entre as potencias allemãas e as potencias occidentaes; mas observamos ao mesmo tempo que as operações de Inglaterra e França são inteiramente independentes do que farão ou não farão as potencias allemãas. Por mais que folguemos de ver a Allemanha vir para nós, posto que a passo lento, não deviamos esperar por ella, bem como com effeito não esperamos, para obrar. Os Russos tem perdido muito terreno na Allemanha, mas ainda não abandonaram a partida. Em Berlim o palacio está cheio de agentes russos; os empregados liberaes ou animados de espirito nacional foram demittidos e sabemos que o governo está nas mãos de uma camarilha que espera fazer converter em proveito da seu amo, o czar, até as proprias disposições do tratado concluido com a Austria. Em Vienna, o barão de Meyendorff, posto que tenha perdido a influencia que tinha sobre as mais altas personagens, ainda conserva todavia alguma; mas estamos persuadidos que nas duas côrtes nada seria mais proprio para fortificar a posição de nossos agentes do que a noticia de successos importantes obtidos pelos exercitos alliados assim em terra como no mar. Por isso, pois, os protocolos não devem retardar um só dia as operações, porquanto somente ellas lhes darão effeito. »

A conclusão de uma alliança do imperador da Russia com o khan de Khiva e talvez com o de Bokhara e com Dost-Mohamed foi uma das noticias da semana passada; ella era de natureza propria a fazer mais sensação em Inglaterra do que em França. Os alarmistas de além da Mancha viram immediatamente o imperio das Indias a dous dedos de sua perda. O *Times* procurou tranquillisa-los nos seguintes termos:

« Annunciam-nos que o czar, não podendo achar complices entre os governos da Europa, fôra mais feliz na Tartaria independente e que um grupo de barbaros, um emir e dous khans inclusive, dão-lhe a mão com um fim de aggressão.

« Um agente russo, dizem que acaba de concluir um tratado com o khan de Khiva, e presume-se que o khan de Bokhara e o nosso velho amigo Dost-Mohamed estão dispostos a entrar na liga. As forças desta quadrupla alliança deverão marchar para a India ingleza, a qual será assim conquistada no interesse commum. As primeiras palavras deste exposto podem ser verdadeiras, mas a conclusão não passa de ridicula.

« Todo o principe asiatico, sejam quaes forem seu titulo e sua residencia, está sempre prompto para entrar em intrigas, isto he certo; e he mui verosimel que aproveitando estas, disposições, os agentes russos tenham feito tudo para montar machinações do lado do Oxo. Não hesitamos em crer que os kans de Khiva e de Bokhara escutassem as propostas da Russia, mas pelo que diz respeito a Dost-Mohamed, cremos que não levará a mal que o consideremos como capaz de adoptar, quer contra nós, quer contra outros, uma combinação qualquer, com tanto que descubra nella alguma probabilidade grande ou mesmo pequena de lucro; entretanto resulta disso que os Mouros da Barbaria não são melhor fundados em seus designios actuaes do que seriam se conspirassem com o governo de Tombouctou para expellirem os Inglezes de Gibraltar, lançarem-se sobre os Pyreneos, invadir a França e entregar ao imperador Nicoláo as potencias occidentaes.

« Os que possuem uma carta da Asia, não tem para comprehender-nos, mais que examinar um pouco os territorios em questão. Diremos simplesmente aos que não estão em estado de recorrer a este meio de esclarecimento, que nenhum dos principes acima nomeados he bastante forte para pôr em alarma a mais pequena guarnição, além de que acham-se separados um do outro por centenares de leguas commumente intransitaveis. O ponto de seus estados mais visinho dos limites da India ingleza he Cabul. Quanto tempo levamos nós, com todos os recursos de um governo bem organisado, para ir da India ao Cabul e para dahi voltar? Dost-Mohamed bem o sabe, e não será por sua proposta que se considerará cousa de pouca monta a conquista da India pelo Cabul.

« De Cabul a Herat na fronteira da Persia, a distancia he de 700 milhas e Herat está separado por uma distancia dupla do posto asiatico mais avançado da Russia. Supponde que uma força russa ou ao soldo da Russia se achasse actualmente reunida em Herat, ainda mesmo no caso de estar bem provisionada e ao abrigo de toda a interrupção de marcha, ser-lhe-hião precisos seis mezes, pelo menos, para chegar á fronteira ingleza mais proxima, guardada por um dos mais poderosos exercitos do mundo.

« Para que um exercito podesse chegar ás margens do Indo com 100,000 homens, isto he com uma força sufficiente para medir-se com a resistencia que lhe seria opposta nesse terreno, a campanha deveria abrir-se com 200,000 homens pelo menos; ora sabemos que o czar não pode senão com muita difficuldade aprompter metade dessa força para fazer a guerra sobre o Danubio. Não se conduziria uma tal força do littoral do mar Caspio ás bordas do Punjab em menos de dous annos, quando mesmo o trajecto podesse fazer-se por estradas transitaveis; no estado actual do paiz, valeria isso outro tanto que fazer marchar um exercito de Serra Leoa para as fontes do Nilo.

« Mas ainda concedendo que uma expedição hostil chegasse ao Indo, nossa dominação no Mar Negro nos permittiria cortar suas communicações e atacar la irresistivelmente pelo flanco. Demais entretanto que a Russia marchasse penivelmente atravez da Persia, do Belouchistan ou do Cabul, poderiamos a cada instante pôr esses paizes em estado de declararem-se por nós, voltando-se contra o invasor. Uma tal empreza da Russia contra a India ingleza ajudaria os designios secretos dos mais racorosos inimigos do czar.

« Os khans de Khiva e Bokhara estão sem duvida promptos para receberem ajuda e promessas de ajuda para roubarem um ao outro ou para roubarem de parceria a um terceiro, mas nenhum delles pode enviar 500 cavallos a 500 milhas de distancia. O emir de Cabul tem á sua disposição forças superiores ás dos khans, mas não tem que sejam bastantes para ajudar a quem quer que seja em um ataque contra o poder britanico. Se elle tivesse podido obrar efficazmente contra um de nossos postos, de ha muito que o teria feito. Relativamente á liga que se suppõe existir entre esses formidaveis soberanos, ella não he possivel, pois nenhum delles tem poder nem desejos de servir por um só momento de auxiliar ao outro, e se um destacamento russo de qualquer ordem chegasse algum dia a seu paiz, elles aproveitariam a ocasião para uma vez na vida se porém de accordo afim de o desbaratar.

Como pois se poderá suppor que a Russia, a qual não tem sido jámais capaz de triumphar no Caucaso, e que bem como hoje se vê, não pode mesmo assentar sua dominação em provincias limitrophes, tenha os meios de obrar a mil leguas de distancia a travez do invencivel obstaculo dos selvagens da Tartaria e do Affghanistan? Não duvidamos de que os chefes tartaros estejam bem dispostos a fazer todo o mal possivel, e não estamos longe de pensar que a Russia tem envidado todos os esforços para pôr em movimento essas excellentes disposições; mas seria absurdo crer que essas intrigas possão ter um resultado serio.

« O exercito da India, o mais poderoso que se tem visto na Asia, está perfeitamente organisado para a defensa exterior. A fronteira do noroeste está protegida por forças consideraveis, e he sobre este ponto que o governo indio tem precisamente concentrado seu poder. Crer que Khiva e Cabul, obedecendo á instigação russa, podem atacar com successo um imperio assim defendido, he como se se dissesse que os Pelles Vermelhas da bahia d'Hudson poderiam atravessar o Atlantico, desembarcar na costa de Devonshire e renovar os acontecimentos da invasão normanda. »

A Dinamarca está em ebulição. Uma correspondencia dirigida daquelle paiz ao Aftonbladet de Stockholmo mostra-nos os Dinamarquezes mui preoccupados da presença das esquadras alliadas no Baltico. O povo que segundo a correspondencia, he inteiramente *anti-russo* applaudio vivamente a recente victoria dos Inglezes diante de Hango, mas para fazer brilhar completamente seu enthusiasmo, espera um resultado mais importante: espera a tomada de Cronstadt; e tão grande he a confiança que deposita na força das esquadras alliadas, que conta com uma inteira satisfação a este respeito.

O interesse que a Dinamarca toma pelos actos das potencias belligerantes leva o correspondente a examinar que posição será ella chamada a occupar em um futuro proximo. Perseverará em sua neutralidade ou representará um papel activo no conflicto? O primeiro partido seduz a muita gente, principalmente aquelles que amão o repouso e que afferram-se a rotina. Motivos de diversos generos são allegados por elles para sustentarem sua opinião. Umas vezes fazem sobresahir a magnifica prosperidade que o reino tirou da neutralidade no fim do seculo passado; outras vezes exaltam as altas qualidades pessoaes do imperador Nicoláo e os beneficios sem numero de que a Dinamarca lhe he devedora. « Que ingratidão, exclamam, não he declarar-nos contra um visinho tão magnifico! demais que perigo não correrá o paiz para o futuro fazendo-se seu inimigo! »

Depois comparam a situação respectiva da Dinamarca e da Suecia. Que a Suecia arme-se contra a Russia, isso parece-lhes natural, pois tem muito soffrido da ambição moscovita; a tomada da Finlandia por si só clama eternamente vingança, mas a Dinamarca! oh! a Dinamarca nada de melhor pode fazer do que beijar os pés do czar e celebrar os esplendores de sua politica!

Os partidarios da neutralidade dinamarqueza assemelham-se muito aos fidalgotes prussianos; o mesmo espirito os domina, elles fazem valer quasi os mesmos argumentos. He uma felicidade que sua pequena igreja nada tenha de commum com o partido nacional. Esse partido, como acima dissemos, he eminentemente anti-russo. A neutralidade pesa-lhe; elle aspira sacudi-la. Longe de temer para a Dinamarca os perigos futuros da inimizade da Russia, cre firmemente pelo contrario, que ella será para o futuro tanto mais segura quanto mais efficazmente concorrer no presente para açaimar o monstro. O partido nacional dinamarquez supporta impacientemente o jugo da Russia e os obstaculos de todo o genero que a influencia dessa potencia oppõe á sua legitima expansão, por isso promove energicamente uma alliança offensiva e defensiva com a França e Inglaterra. (*Presse.*)

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS.

Sessão de 6 de junho.

A' hora do costume, achando-se reunido numero sufficiente de membros, abre-se a sessão. Lida e approvada a acta da antecedente, o 1.º secretario dá conta do seguinte expediente:

Um officio do vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro, enviando 20 exemplares das leis provinciaes promulgadas em 1853.—A' commissão de assembléas provinciaes.

Um requerimento de Felisberto Ferreira Borges, alferes reformado, pedindo ser restituido á 2.ª classe do estado-maior do exercito.—A' commissão de marinha e guerra.

De João José Teixeira, cobrador da casa de amortisação, pedindo em seu favor alguma mudança no que estatue o parecer da commissão de pensões e ordenados relativamente ao seu ordenado.—A' commissão de pensões e ordenados.

Lêem-se, e sem debate approvam-se, varias redacções e os seguintes pareceres:

« A commissão de pensões e ordenados, tendo devidamente examinado o requerimento dos empregados da caixa de amortisação com exercicio na secção de assignatura e substituição do papel-moeda, que pedem augmento dos seus vencimentos, visto que todos os mais empregados daquella repartição já o requereram e tiveram parecer favoravel, he de parecer que seja ouvido o governo a tal respeito, como tambem foi na occasião allegada pelos peticionarios.

« Paço da camara dos deputados, 6 de junho de 1854.—*D. F. B. da Silveira.—Gomes Ribeiro.* »

« A commissão de policia, a quem foi presente o requerimento de Francisco Jacintho Fernandes, porteiro-mór desta augusta camara, em que pede para ser elevado a 800$000 rs. o seu ordenado de 700$000 rs. que actualmente percebe, allegando não poder corresponder este ao emprego que occupa, pois que além do serviço da casa he obrigado a acompanhar as deputações ao paço imperial, apresentar as leis, sendo que tambem o porteiro-mór da camara dos Srs. senadores, de igual categoria, percebe maior ordenado, cuja differença he de 100$000 rs., julga ser de equidade a pretenção do supplicante, e por isso he a mesma commissão de parecer que seja elevado a 800$000 rs. o ordenado de 700$000 rs. que actualmente percebe o porteiro-mór desta augusta camara Francisco Jacintho Fernandes, conservando-se-lhe a gratificação que já percebe.

« Paço da camara dos deputados, em 6 de junho de 1854.—*Visconde de Baependy.—Francisco de Paula Candido.—Antonio José Machado.* »

O Sr. Lisboa Serra requer á camara urgencia para apresentar o seguinte projecto, o qual fundamenta com differentes razões.

« A assembléa geral legislativa resolve:

« Art. 1.º A isenção do imposto do sello concedida pela lei n. 386 de 3 de julho do anno passado ás notas emittidas pelo Banco do Brasil he extensiva ao do seu capital encorporado.

« Art. 2.º Será gratuitamente cunhado todo o ouro de toque legal que for levado á casa da moeda por conta do mesmo Banco.

« Art. 3.º Ficam revogadas as disposições em contrario.

« Paço da camara dos deputados, em 3 de junho de 1854.—*Lisboa Serra.* »

He approvado um parecer da commissão de constituição e poderes que reconhece deputado supplente por Pernambuco ao Sr. Francisco do Rego Barros Barreto.

Achando-se na ante-sala esse senhor, he introduzido com as formalidades do estylo, presta juramento e toma assento.

Passando-se a ordem do dia.

Crimes commettidos por Brasileiros fóra do imperio.

Continua a 3.ª discussão do projecto que pune crimes de Brasileiros fóra do imperio, o qual hontem ficou adiado pela hora.

O Sr. Nabuco (ministro da justiça): — A discussão me parece ter chegado a seu termo, mas ainda tenho por necessario fazer breves explicações a respeito das duvidas suscitadas pelo nobre deputado pela provincia de Minas Geraes, assim como tambem pelo nobre deputado por S. Paulo que fallou hontem em ultimo lugar.

As duvidas apresentadas pelo nobre deputado de Minas-Geraes fundam-se nos inconvenientes da applicação do art. 90 do codigo criminal ao crime de abuso da liberdade da imprensa commettido em paiz estrangeiro.

Mostrou o nobre deputado, e a meu ver lucidamente, esses inconvenientes que eu reconheço; toda a argumentação porem do nobre deputado neste sentido foi em vão, porque o art. 90 a que se elle refere não está comprehendido no projecto.

O projecto não pune todos os crimes do titulo 1.º do codigo criminal, mas sómente os do capitulo 1.º 2.º e 3.º desse titulo; o art. 90, não sendo parte de algum dos ditos capitulos expressamente enumerados, está fóra de questão, e certamente para excluir a parte do titulo 1.º que se inscreve assim—Disposições communs—he que o projecto referio nomeadamente os capitulos 1.º 2.º e 3.º, porque aliás, se o projecto comprehendesse as disposições communs do titulo 1.º, deveria dizer sómente—os crimes do titulo 1.º

O nobre deputado pela provincia de S. Paulo considerou ocioso o § 1.º do artigo 4.º, que se refere as acções civeis provenientes de damno resultante dos delictos commettidos em paiz estrangeiro por qualquer pessoa nacional ou estrangeira residente no imperio; tambem me pareceu ocioso esse artigo, quando o nobre deputado pela Bahia, meu amigo, m'o indicou como necessario, porquanto he principio corrente que as acções civeis ou se fundem no contrato e quasi-contrato, ou no delicto e quasi-delicto, qualquer que seja o lugar aonde esse contrato e delicto se deram, podem ser intentadas no fôro do réo, aonde elle reside ou se acha, seja nacional ou estrangeiro.—*Actor sequitur forum rei*—tal he a maxima do direito romano, por toda a parte seguida com mais ou menos excepções, adoptada na Inglaterra e Estados-Unidos como attestam Stori e Weaton, admittida tambem pela França e Estados da Allemanha; ao depois, senhores, acolhi a idéa do nobre deputado pela Bahia, porque a considerei necessaria pelas mesmas razões porque ao nobre deputado ella parece ociosa.

Segundo o nobre deputado, desde que o projecto estabeleceu a competencia para a punição dos crimes commettidos no estrangeiro, estabeleceu implicitamente a competencia prra as acções civeis que resultau do damno causado por esses crimes. Aqui mesmo he que está a duvida. Se o projecto punisse todos os crimes que o codigo pune, não haveria duvida alguma; mas o projecto pune certos crimes, e por consequencia póde vir em duvida se são cabiveis ou admissiveis acções civeis pelo damno proveniente dos outros crimes commettidos em paiz estrangeiro e não punidos por este projecto, 'Era necessaria uma disposição que declarasse que as restricções deste projecto se referiam sómente á punição e não a satisfação do damno, a qual pode ser pedida ainda que o damno provenha dos crimes que este projecto não pune, e são aliás previstos pelo codigo criminal; essa duvida tambem se suscitou em França por causa dos arts. 5.º 6.º e 7.º do codigo de instrucção, que, como este projecto, só pune certos crimes e não todos os crimes commettidos em paiz estrangeiro; para tornar mais claro este pensamento, uma emenda vai ser submettida á approvação desta augusta camara.

O nobre deputado tambem entende que o § 4.º do art. 4.º do projecto não he claro; este paragrapho diz: « Para o julgamento e punição dos crimes perpetrados a bordo dos navios estrangeiros particulares contra pessoas não pertencentes á tripulação, ou contra as pessoas da tripulação, salvo neste ultimo caso, a reciprocidade e perturbação da tranquillidade do ancoradouro ou territorio maritimo. »

A confusão segundo o nobre deputado, vem das expressoes—salvo neste ultimo caso a reciprocidade..

O Sr. Silveira da Motta dá um aparte que não ouvimos.

O Sr. Ministro da Justiça: — Acolho as observações do nobre deputado, e nesse sentido offereço uma emenda para evitar quaesquer duvidas; o pensamento do projecto he que os crimes commettidos a bordo dos navios mercantes estrangeiros que se acharem nos nossos portos e ancoradouros contra pessoas que não são da tripolação, sejam submettidos á jurisdição territorial; que os crimes porém commettidos nesses navios entre as pessoas da tripolação só fiquem sujeitos á jurisdição territorial no caso de perturbação da trinquillidade do territorio; tal he, senhores, a legislação ou jurisprudencia das nações cultas. Com esta distincção fica respeitada a jurisdição territorial do navio, o qual se considera continuação do territorio do estado a que pertence. Com esta distincção ficam conciliadas as leis de policia e segurança do porto com o regimen e disciplina internos do navio. Esta distincção finalmente tem por si a autoridade de Dupin, Dalloz, Ortollan e outros escriptores de direito internacional; assim como o parecer do conselho de estado de França de 20 de novembro de 1806, transcripto na obra de Hellie, cujo texto vou ler, e desejo que seja inserto no meu discurso:

« O conselho de estado, etc., ouvido o relatorio da secção de legislação tendente a regular os limites da jurisdicção que os consules dos Estados Unidos da America nos portos de Marselha e Antuerpia reclamam quanto aos crimes commettidos a bordo dos navios de sua nação nos portos e ancoradouros da França, considerando que um navio neutro não póde ser absolutamente considerado como lugar neutro; que a protecção que lhe he concedida nos portos da França não pode prejudicar a jurisdicção territorial no que toca aos interesses do estado; que um navio neutro admittido em um porto do estado está em pleno direito submisso ás leis da policia que o regem; que as pessoas e sua equipagem são igualmente justiçaveis pelos tribunaes do paiz pelos delictos que ahi commettem mesmo a bordo contra as pessoas que não pertencem á mesma equipagem, assim como pelas convenções que celebram; mas que se até este ponto a jurisdicção territorial está fóra de duvida, não he assim a respeito dos crimes que se commettem a bordo do navio contra pessoas da mesma equipagem; que neste caso os direitos do poder neutro devem ser respeitados, porque se trata da disciplina interior do navio, em a qual a autoridade local não deve ingerir-se, salvo se o seu soccorro he requisitado, ou a tranquillidade do porto compromettida; he o parecer que esta distincção, conforme ao uso, he a regra a seguir-se nesta materia; e applicando esta doutrina ás duas especies sobre as quaes versam as reclamações do consul dos Estados Unidos; considerando que em uma dellas trata-se de uma rixa havida no escaler do navio americano *Le Newton* entre dous marinheiros do mesmo navio, e na outra de um ferimento grave, feito pelo capitão do navio *La Sally*, em um de seus marinheiros, por ter disposto do escaler sem sua ordem: he o parecer que a reclamação seja attendida, e prohibido aos tribunaes francezes o conhecimento deste negocio.»

Afinal, Sr. presidente, me resta offerecer a consideração da casa algumas emendas que, como essa de que fallei, tem por fim tornar mais claro o pensamento do projecto, e são, por assim dizer, o resultado do debate luminoso e profundo que sobre a materia tem havido.

Lêm-se e apoiam-se as seguintes sub-emendas:

« No art. 2.º da emenda supprimam-se as palavras — e o trafico de escravos.

« No art. 2.º, depois das palavras — curadores — diga-se — E o promotor publico, sendo o offendido pessoa miseravel.

« No art. 2.º, depois das palavras — no caso de reciprocidade — diga-se — Sendo admittido o consul pelo offendido.

« Art. 2.º — Considerem-se artigos distinctos os tres membros do artigo 2.º que começam assim:

« Serão tambem, etc.

« As penas, etc.

« Do mesmo modo, etc.

« Art. 4.º Em vez das palavras — forma do processo — diga-se — forma preparatoria do processo.

« Art. 4.º § 1.º Constitua um artigo distincto redigido assim:

« As disposições deste projecto não restringem as acções civeis provenientes do damno resultante de qualquer delicto commettido em paiz estrangeiro por qualquer pessoa, nacional ou estrangeira, residente no imperio.

« Art. 4.º § 3.º Onde diz —Havendo reciprocidade — diga-se — onde este direito houver.

« Art. 4.º § 4.º Substituam-se as palavras finaes —salvo — até o fim, pelas seguintes: — salvo o caso da tranquillidade do ancoradouro ou territorio maritimo, ou havendo requisição da autoridade estrangeira.

« Onde se diz — o art. 2.º passa a 3.º — diga-se — o art. 2.º do projecto seja o ultimo. — *Silva Ferraz.—Nabuco de Araujo.—L. A. Barbosa. — Taques.*»

O Sr. Ferraz discorre sobre o principio da personalidade das leis penaes, sobre a medida declaratoria em consequencia, da qual todas as acções civeis a que derem lugar damnos provenientes de crimes commettidos no estrangeiro podem ser admittidas nos tribunaes do paiz,' e finalmente sobre os crimes commettidos por pessoas pertencentes a uma embarcação neutra no porto ou territorio maritimo do Brasil.

O Sr. Silveira da Motta falla tambem sobre a questão, depois do que, julgando-se a materia sufficientemente discutida, he approvada a emenda substitutiva com as sub-emendas acima transcriptas.

Dia 7.

A' hora do costume, reunido numero sufficiente de membros, abre-se a sessão. Depois de lida e approvada a acta da antecedente o 1.º secretario dá conta do seguinte expediente:

Um officio do 1.º secretario da assembléa provincial de S. Paulo, pedindo que a comarca de Sapucahy da provincia de Minas Geraes fique pertencendo á provincia de S. Paulo.—A' commissão de estatistica.

Requerimentos de Firmino Dias Leal, José Antonio Gomes e Manoel Gomes da Cunha Bo no, pedindo o lugar vago de continuo desta camara.—A' commissão de policia.

Do 1º tenente reformado Fernando Antonio Wilouvy Sayão, pedindo a concessão da quinta parte do soldo.—A commissão de marinha e guerra.

Acham-se sobre a mesa, e vão a imprimir para entrar na ordem dos trabalhos, os pareceres da terceira commissão de orçamento relativos ás despezas das repartições de marinha e guerra.

He julgado objecto de deliberação, e vai a imprimir para entrar na ordem dos trabalhos, a seguinte resolução:

« A commissão de pensões e ordenados, tendo devidamente examinado o decreto de 23 de maio de 1854 que concedeu ao juiz de direito Alexandre Joaquim de Siqueira, chefe de policia do municipio da côrte, a sua aposentadoria com o ordenado annual de 1:200$, por assim o haver requerido; e considerando quão dignos de recompensa são os serviços deste magistrado, cujas molestias o inhabilitam de poder continuar a presta-los: he de parecer que esta augusta camara adopte a seguinte resolução:

« A assembléa geral legislativa resolve:

« Artigo 1. Fica approvada a aposentadoria concedida por decreto de 23 de maio de 1854 ao juiz de direito Alexandre Joaquim de Siqueira, chefe de policia do municipio da côrte, com o ordenado annual de 1:200$.

« Art. 2. Revogam-se as disposições em contrario.

« Paço da camara dos deputados 6 de junho de 1854.—*D. F. Baltazar da Silveira.—J. E. de N. S. Lobato.—Gomes Ribeiro.* »

São approvados os seguintes pareceres:

« Os capellães militares pedem que o interesticio para o accesso dos postos de alferes a tenente e de tenente a capitão seja de dous annos.

« A commissão de marinha e guerra, para poder dar o seu parecer deseja que a respeito se peçam informações ao governo.

« Paço da camara dos deputados 6 de junho de 1854.—*A. C. Seára.—Pereira da Silva.* »

« A academia das bellas artes desta côrte, fundada em 1816 com alguns artistas distinctos, mandados vir de França pelo conde da Barca, foi inaugurada 10 annos depois, em 1826, no ministerio do visconde de S. Leopoldo.

« O programma de seu ensino comprehendia as seguintes cadeiras nessa época.

« 1.ª Pintura historica;

« 2.ª Esculptura;

« 3.ª Architetura;

« 4.ª Mecanica;

« 5.ª Desenho;

« 6.ª Paisagem:

« Havia, além disso, um substituto para o desenho, dous para a esculptura, um dos quaes era gravador de medalhas, e um pensionista que devia substituir o professor de architectura quando impedido.

« Este programma tem soffrido poucas alterações. Ha presentemente as cadeiras de gravura e de anatomia, tendo desapparecido do quadro do ensino a de mecanica. Os substitutos actuaes são em numero de quatro para as seguintes materias: desenho, architectura, anatomia e pintura historica.

« Os erros da direcção deste estabelecimento até certo tempo, a luta dos seus professores contra essa direcção, a inefficacia de seus premios e de suas acanhadas exposições desde 1829, em que teve lugar a primeira obtida por M. Debret do ministro do imperio Clemente Pereira, tudo isso pouco interessa a esta camara. O que lhe interessa, porém, he saber que nem o programma de estudos, nem a organisação interna daquella academia correspondem ás necessidades do ensino professional que alli se deve dar.

« Houve erro no plano primitivo, adoptado com pequenas alterações até hoje, por se fundar um estabecimento acima das necessidades do paiz. Quando se precisava de dar os elementos da educação industrial, quando se devia desenvolver e generalisar o ensino do desenho, base para o aperfeiçoamento em todas as artes, cuidou-se logo em preparar esculptores e pintores do genero historico, para não terem occupação quando sahem das aulas!

« Na academia não se ensina aquella parte das mathematicas tão necessarias ao artista. E no entanto nenhum discipulo póde conhecer a perspectiva e os effeitos da luz sem que se lhe ensinem a geometria descriptiva, a optica e mesmo os indispensaveis elementos da mecanica, tão uteis ao architeto.

« A academia não tem uma escola onde se ensine a desenhar e modelar ornatos, escola de tanto proveito para os entalhadores, ourives, canteiros, moldadores, fundidores, estucadores, e para os mais artifices.

« Cumpre insistir na necessidade do ensino do desenho e de seu desenvolvimento, porque sem isso não póde haver regularidade, nem aperfeiçoamento nas artes, e he o ensino mais geralmente necessario. He regra infallivel que a industria e as artes de um paiz estão na razão directa da cultura do desenho. Todos os governos esclarecidos procuram dar-lhe a maior extensão. Accresce que sem desenho não póde haver architectura, e a architectura he uma das artes que deve de preferencia occupar na actualidade a attenção do corpo legislativo. A estatuaria e a pintura só pódem ser consideradas e florescer depois daquella.

« A commissão de instrucção publica attendendo a todas estas considerações e ás que se acham consignadas no relatorio da repartição do imperio, para as quaes chama a attenção desta casa, reconhecendo que a academia das bellas artes da côrte não deve continuar pelo modo porque se acha organisada, sem proveito para as classes industriaes e com um dispendio inutil; considerando finalmente que he preciso reformar-se a dita academia de sorte que o ensino que alli se der seja real, positivo e pratico, em relação ás necessidades actuaes, e não a um futuro remoto; he de parecer que se adopte o projecto apresentado na sessão de 26 de maio deste anno pelo Sr. deputado Candido Mendes de Almeida, autorisando semelhante reforma.

« Sala das commissões 6 de junho de 1854. — *F. Octaviano.—Dutra Rocha.—J. J. da Rocha.* »

Procedendo-se á eleição da mesa que tem de servir no corrente mez, sahem eleitos:

Presidente.

O Sr. Visconde de Baependy, com 67 votos.

Vice-presidente.

O Sr. Barbosa, com 55 votos.

Secretarios.

1.º, o Sr. Paula Candido; 2.º, o Sr. Paes Barreto; 3.º, o Sr. Machado; 4.º, o Sr. Pereira Jorge.

Supplentes.

Os Srs. Wilkens de Mattos, e Pereira da Silva.

O presidente declara que vai-se officiar ao governo para saber-se o dia, lugar e hora em que S. M. o Imperador se digna receber a deputação que tem de apresentar-lhe o voto de graças. Nomeia para esta deputação os Srs. Pereira da Silva, Paula Baptista, Jacintho de Mendonça, Mendes, Macario, Sobral, Barros Barreto, Jaguaribe, Araujo, Jorge, Ribeiro da Luz, Versiani, Rodrigues Horta, Pimenta de Magalhães, Assis Rocha, Castello Branco, Raposo da Camara, Lima, Antonio Candido, Paula Santos, Vieira de Mattos, H. J. Soares de Souza, J. M. Ferreira de Abreu, Lisboa, e Azeredo Coutinho.

Entra em primeira discussão o projecto n. 17 deste anno que concede a pensão de 800$ á viuva de Joaquim Teixeira de Macedo.

A requerimento do Sr. Ferraz tem esta resolução uma só discussão, na qual he approvada por 51 votos contra 11.

Tambem he approvada em uma só discussão, a pedido do Sr. F. Octaviano, a resolução n. 18 deste anno, que approva a pensão de 600$ concedida á viuva do coronel Antonio Rodrigues de Araujo Bastos, por 31 votos contra 28.

Entra em primeira discussão a resolução n. 19, marcando o numero dos empregados da caixa de amortisação e seus vencimentos.

O Sr. Henriques:—A resolução apresentada pela nobre commissão de pensões e ordenados á consideração da casa não me parece de accordo e harmonia com o contexto de seu parecer, pois que em primeiro lugar a commissão julga convir que fique subsistindo um dos lugares de trocadores, entretanto que na tabella que acompanha a resolução não menciona nenhum destes lugares; em segundo, a commissão tem o mesmo pensamento ácerca dos segundos escripturarios; e na tabella trata não de segundos, mas de terceiros escripturarios.

Além disto eu noto que o projecto como que se refere ao serviço da caixa da amortisação especialmente, e a nobre commissão comprehendeu na tabella empregados occupados no troco e substituição das notas, que he uma secção adjunta a caixa da amortisação.

Notando portanto este desaccordo, não posso deixar de pedir explicações a algum dos nobres membros da commissão, afim de poder votar com conhecimento de causa.

O Sr. Gomes Ribeiro pede que se lhe mande vir da secretaria os papeis relativos a esta resolução, e sendo satisfeito faz algumas observações sobre a materia em discussão.

O Sr. Augusto de Oliveira:—Não me levanto com intento de fazer opposição á resolução que se discute, mas unicamente, seguindo o exemplo do nobre deputado pela Parahiba, para pedir algumas informações á illustre commissão.

Se são realmente fundados os receios que tem o governo de se poder dar alguma diminuição na receita do estado, não me parece a época favoravel para augmentar de dia em dia a despeza. Em minha opinião este projecto não devia ser discutido antes de ser ouvida sobre elle a commissão de orçamento, que he a competente para saber se esta despeza póde ou não affectar os cofres publicos.

Além disto a camara ja vio que a mesma commissão de pensões e ordenados tem alguma duvida ácerca do projecto que não póde dar o esclarecimento que pedio o Sr. deputado pela Parahiba, e por isso pedio o adiamento da discussão até amanhãa. Ora, existindo duvidas, julgo que a camara não póde, não deve votar hoje o projecto.

Ainda mais; o motivo allegado pelos empregados da caixa da amortisação, de que elles ainda hoje tem os mesmos vencimentos que foram marcados na lei da sua creação, não he sufficiente, emquanto a mim, para se lhes augmentar os ordenados; porquanto ha empregados de repartições publicas que ainda hoje percebem os mesmos ordenados marcados na sua instituição. A principiar pelos altos funccionarios do estado, vemos que os conselheiros de estado ainda teem os mesmos ordenados da lei da sua instituição; o subsidio dos membros do corpo legislativo ainda he o mesmo. Não he pois razão sufficiente o que allegam os supplicantes.

Mas a razão principal que tenho para não votar pela resolução, e para pedir o seu adiamento, he para ouvir a commissão do orçamento, afim de saber se este augmento de despeza não vai de alguma maneira inhibir ao governo de tomar outras medidas que possam ser mais uteis. He opinião geral que he preciso ir cuidando dos melhoramentos materiaes do paiz; por consequencia devemos ser um pouco economicos naquillo que diz respeito á despeza com o pessoal. Se de dia em dia a camara fôr votando despezas, fôr augmentando o já muito avultado dispendio que se faz com o pessoal, com pensões, ordenados, etc., de certo não poderemos ir cuidando dos melhoramentos materiaes do paiz, que virão assim a ficar prejudicados.

Peço pois licença a V. Exc. e á casa para apresentar um requerimento de adiamento, afim de que a resolução seja remettida á commissão do orçamento.

He lido e apoiado o requerimento do nobre deputado.

O Sr. Gomes Ribeiro requer o adiamento da discussão até o dia seguinte, e concordando nisso o Sr. Augusto de Oliveira pede para retirar o seu requerimento, no que a camara consente.

São approvadas em primeira discussão e sem debate as seguintes resoluções:

« A assembléa geral legislativa resolve:

« Artigo unico. São concedidas, em beneficio das obras do hospicio de Pedro II da cidade do Recife, capital da provincia de Pernambuco, dez loterias, conforme o plano das que se concederam á santa casa da Misericordia; das quaes se extrahirá uma por anno nesta côrte. Revogadas para este fim as leis e disposições em contrario.

« Paço da camara dos deputados 13 de maio de 1854.—*Francisco Joaquim Gomes Ribeiro.*»

« A assembléa geral legislativa resolve:

« Art. 1. São concedidas á igreja de Nossa Senhora das Dores, da cidade de Porto-Alegre, 5 loterias que serão extrahidas na côrte, conforme o plano das concedidas á santa casa da Misericordia, devendo o seu producto ser applicado á conclusão daquella igreja.

« Art. 2. Do mesmo modo, e para igual fim, são concedidas outras 5 loterias ao collegio de Santa Thereza, da mesma cidade de Porto-Alegre.

« Art. 3. O producto liquido destas loterias, depois de extrahida cada uma dellas, será posto á disposição do presidente da provincia de S. Pedro para a applicação ácima indicada.

« Art. 4. Ficam revogadas quaesquer disposições em contrario.

« Paço da camara dos deputados em 27 de maio de 1853.—S. a R.—*Oliveira Bello.*»

« A assembléa geral legislativa resolve:

« Art. 1. São concedidas ao novo hospital da caridade da cidade de Maceió, capital da provincia das Alagôas, cinco loterias, que serão extrahidas nesta côrte, conforme o plano das concedidas á santa casa da Misericordia; ficando o producto á disposição do presidente da mesma provincia para a creação de uma casa apropriada, e manutenção do mesmo hospital.

« Art. 2. Ficam revogadas quaesquer disposições em contrario.

« Paço da camara dos deputados em o 1º de julho de 1853.—*José Corrêa da Silva Titara. — Manoel Joaquim de Mendonça.—Gomes Ribeiro.—Casado.*»

« A assembléa geral legislativa resolve:

« Art. 1. Ficam concedidas ao hospital da santa casa de Misericordia da cidade da Campanha duas loterias, as quaes serão extrahidas nesta côrte, conforme o plano que rege as da santa casa da Misericordia.

« Art. 2. O producto destas loterias será empregado em apolices da divida publica, afim de servir de fundo do estabelecimento, podendo a mesa administrativa dispender sómente os juros das mesmas.

« Art. 3. Ficam revogadas as disposições em contrario.

« Sala das sessões 8 de julho de 1853.—*J. D. Ribeiro da Luz.*»

« A assembléa geral legislativa decreta:

« Art. 1. Ficam concedidas duas loterias, uma a favor da igreja matriz da villa de Uberaba, e outra a favor do collegio de Campo Bello estabelecido naquelle municipio.

« Art. 2. Estas loterias serão cada uma do valor de 120:000$, e extrahidas nesta côrte.

« Art. 3. Ficam revogadas as disposições em contrario.

« Paço da camara dos deputados 8 de junho de 1853.—*A. J. da Silva.*»

« A assembléa geral legislativa resolve:

« Art. 1. São concedidas á matriz de Nossa Senhora da Candelaria da côrte oito loterias para o fim de auxilia-la na continuação de suas obras.

« Art. 2. São-lhes applicadas as leis em vigor sobre loterias.

« Paço da camara dos deputados em 30 de julho de 1853.—*Pereira da Silva.—V. de Baependy.—Candido Borges. — L. Pedreira. — Barreto Pedroso.—Teixeira de Macedo.—J. A. de Miranda.—F. Octaviano.—Ignacio Barbosa.—Rodrigues da Silva.—Rocha.—Belisario.—Fausto A. de Aguiar.—Siqueira Queiroz.*»

« A assembléa geral legislativa resolve:

« Artigo unico. Os attestados de residencia dos parochos, para cobrança de suas congruas, serão passados pelos diocesanos ou por seus delegados; revogadas as disposições em contrario.

« Paço da camara 19 de agosto de 1852. — *B. A. de Magalhães Taques. — A. J. Henriques. — V. de Baependy.*»

Entra em primeira discussão e he approvado o decreto que estabelece o systema metrico como regulador dos pesos e medidas do imperio; depois do que o presidente designa a ordem do dia seguinte e levanta a sessão.

CORRESPONDENCIAS DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

MARANHÃO.

San Luiz 7 de julho.

O facto mais notavel que temos a narrar-lhe pertencente á actual quinzena, he o completo restabelecimento do Exm. Sr. presidente da provincia, e que hontem já tomou conta das redeas da administração. Muitas pessoas asseveram que S. Exc. devera para mais tarde entregar-se a tão pesada tarefa, elle que tem a sua disposição, nada menos de 6 mezes de licença com o respectivo ordenado, para goza-la aonde bem lhe conviesse, e que, se acaso acha-se restabelecido, isto he, fora de perigo, todavia ainda se conserva como que abatido do mal porque passou; de ordinario como se sabe, as recahidas são peiores do que as primitivas molestias, em todo o caso será bom que S. Exc. não se entregue tão afincadamente como costuma, aos grandes trabalhos que estão á seu cargo. Com algum cuidado pode elle harmonisar perfeitamente as suas occupações com os deveres que por outro lado tem a cumprir para comsigo.

Dando-lhe esta noticia, não posso deixar de [re]nder grandes homenagem e parabens ao habil m[edi]co o Sr. Dr. José Sergio, que durante todo o [...] da molestia de S. Exc. foi o seu assistente, em[pregan]do para com elle não só todos os deveres de [b]om medico, como os de um verdadeiro amigo. [...] elle pois deve caber a gloria dessa brilhante c[ura,] que não deixa tambem de ser partilhada pelos [...]cos conferentes os Srs. Drs. Maia e Jauffret.

A assembléa provincial acaba de conced[er a au]torisação de um emprestimo de 200 contos [...] ao governo, para serem applicados á varias [...] de que mais necessidade temos. A lei do orçam[ent]o já passou em terceira discussão: segundo ella, a despeza monta em perto de 300 contos.

Consta, que na Passagem-Franca um certo [F]rancisco Pacheco, criminoso de antiga data, mandou assassinar no lugar denominado Pindobal a um seu desafeiçoado. O *Observador* dando conta desta noticia, accrescenta, que um outro individuo, cujo nome não souberam dizer, por causa de intrigas particulares, mandara pelo famigerado Camillo, capanga dos Pachecos matar a um outro sujeito; mas felizmente não chegou, senão a feri-lo com um tiro, que não he em lugar perigoso. O mandante foi logo preso e o mandatario evadio-se para [as] mattas, sob a protecção dos seus patrões.

Em Caxias, por occasião da noite de S. [...] houveram seus disturbios entre os amantes [do] *bumba meu boi*, e os atiradores de foguetes, do [que] nada resultou de serio, sem duvida devido á man[eira] energica com que se portaram as autoridades p[olici]aes.

Consta igualmente, que nas immediações [da] fazenda do Sr. Vaz, no Codo, tem apparecido [...]as correrias de selvagens com o unico fito da p[il]hagem. As autoridades locaes e os bons cidadãos d[e] harmonia com o governo tratam de chamar aque[lla] gente, quando não ao gremio da civilisação, pe[lo] menos a esse estado pacifico, de que elles são susceptiveis.

Do Brejo tambem consta, que a mulher [...] de um portuguez de nome Ignacio Francisco de Souza, morrera de um susto que logo depois de um perigoso parto lhe causaram os espoletas de um tal Alexandre Francisco Rodrigues, tentando assassinar o marido mesmo junto ao leito da infeliz. A causa de tudo isso era ser o homem alguma cousa feliz em seus negocios, e ter tido a infelicidade de haver deixado o seu umbigo em Portugal.

Os que dirigiram essa especie de motim, foram um tal Vicente José da Cruz, ourives, Januario de tal, ambos elles capitaneados por José Francisco Faim Bertrand, que por sua vez havia sido inspirado pelo supra citado Alexandre Rodrigues.

O jornalismo entre nós continúa a vegetar na mesma apathia.

Por desavenças entre o Dr. Reno, inspector do theatro e o emprezario, acaba aquelle de pedir sua demissão, a qual lhe foi concedida. Ainda ninguem foi nomeado para aquelle lugar.

Esqueceu-me dizer-lhe, que no dia 30 do proximo passado mez, o emprezario do theatro com toda a sua companhia assistiram, no recolhimento de Nossa Senhora dos Remedios, a uma missa cantada, que elles mandaram dizer, como em satisfação á promessa feita pelo mesmo emprezario ao completo restabelecimento de S. Ex.

Consta-me, que dentro em pouco uma outra ordem de promessa tem de ser cumprida pelo mesmo motivo: quero fallar de um grande baile que vão dar os negociantes desta praça. Como vê, além das promessas que em maior numero affectam aos santos, outras existem, que dizem respeito aos dilectantes: d'ahi bem poderá Vmc. calcular até onde chega a affeição geral de que goza o Exm. presidente.

Ultimamente teve lugar o beneficio da D. Manoela, o qual esteve concorrido o mais que era possivel. O drama foi a *Gabrina*, em cuja parte a illustre actriz apresentou-nos tudo a que podia chegar o seu imminente talento. Além das flores, das fitas, dos versos, das coroas, recebeu ella do nobre publico um rico aderéço de subido custo.

Tambem no dia 13 do corrente o Germano fez o seu beneficio, levando o *Othelo*, em cujo papel convenceu elle a muitos de seus desafleiçoados o quanto pode o estudo e a vocação, quando aspiram a esse grande alvo da vida artistica, a gloria. O Germano, que, como sabe, goza dos foros de excellente actor, foi freneticamente applaudido naquella parte, que, como não se ignora, he uma das mais sublimes concepções da arte dramatica, uma das preciosidades do divino Shardeau, e cuja execução he da maior difficuldade possivel.

Por este vapor chegou-nos o Dr. Pedro Camello Pessoa, juiz municipal da primeira vara da capital. Pareceu-nos ser moço de excellentes maneiras, e de intelligencia: o que confirma a opinião geral, que delle tinhamos.

Pelo mesmo vapor tivemos a infausta noticia do mergulho por que passou essa bella cidade: felizmente não houveram victimas. Em quanto aos estragos, esses nada são, se attendermos ao patriotismo dos seus filhos, e aos cuidados do actual digno presidente, que tão sabiamente preside os seus destinos. O Recife em pouco surdirá mais bello e loução que d'antes d'entre as aguas com que ha pouco brincou.

A barca de escavação vinda dessa provincia já aqui chegou, ha quatro dias, em paz e a salvamento. Ora, graças a Deos, que vamos ter algum melhoramento no nosso porto, talvez que tenhamos agora em bom andamento a obra do aterro do classico cáes da Sagração!! Com que pé de boi não caminham entre nós as obras publicas, principalmente aquellas que correm pelos cofres geraes! ...

Se não lhe disse da vez passada qual o rendimento da alfandega no ultimo mez, dir-lhe-hei agora: foi de rs. 76:346$342. O assougue publico durante o mesmo tempo rendeu: 1:234$170.

RIO GRANDE DO NORTE.

Natal 23 de julho.

Principiarei esta dizendo-lhe que aqui ainda chove a cantaros, e que eu temo muito, e muito, que o meu *totum corporeum* não venha a sentir algum incommodo, com tão descommedido inverno. Sempre havemos de andar nos extremos; ou muito inverno, ou muita secca.

Hoje aqui chegou o vapor do sul, que ha muito era esperado, e cuja demora muito havia dado que fazer a mais de quatro dos nossos politicos, que futurisavam grandes causas dessa demora; principalmente os *sulistas*, que em tudo descobrem uma escada para poder, gritavam em cada canto—cahio o ministerio—, outros servindo-se d'uma carta do D. Manoel, diziam—he mudança de presidente, porque o nosso patriarcha nos diz que o Passos breve será mudado—; e outros sonhos semelhantes, que felizmente foram desmentidos pela chegada do vapor, que nada adiantou, ficando o ministerio em seu estado de conservação, e o Exm. Sr. Passos no seu posto em que Deos o conserve por muitos annos para bem da provincia, e raiva dos sucios. Admira o ver-se de certo tempo para cá, como o *amabilissimo* correspondente do *Liberal*, trata ao Sr. Passos! Do que nasce iste não sei: dizem uns que he em virtude de ordens *superiores*, outros porém affirmam que he espontaneidade do correspondente, depois que vio burlada certa pretenção; disso não sei eu, e nem me disse nada o *Padre Eterno*: o que sei he que minha prophecia se realisou, o porque não quero saber.

A nossa *legislante* vai indo menos má; projectos não faltam, e me diz o Cantalice que se continuar a enchente, ainda 8 mezes de sessão serão poucos para suas discussões, não porque os dignissimos sejam lá nenhuns tagarellas, não, senhor; porque elles seguem a regra da prudencia—calar para não errar—; mas porque muitos são os projectos que existem na casa, e alguns de grande importancia e utilidade: por esse lado pois, está justificada a boa intenção que nutre qualquer dos dignissimos: por exemplo, um que manda construir sobre o rio que banha esta cidade uma ponte pensil, ou sobre barcas, para facilitar a communicação com o interior: mas os *quaes* com que realisar esse projecto d'onde virá? Hoc opus!

Em dias do mez passado dous individuos assassinaram a facadas e cacetadas, a um preto escravo de um irmão do vigario de Paos de Ferros, foi preso um dos assassinos, e a policia anda na pista do outro.

No dia 16 do corrente David Manoel de Tal, morador em Papari, assassinou com pauladas ao pé da Santa Cruz, na cidade de S. José, a um individuo, cujo nome me não disse o Rocha; foi capturado o assassino.

Acha-se presa na cadeia desta cidade, uma mu-

MUTILADO